



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARA – UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS – ICH
FACULDADE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO – FECAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LETRAS E LINGUAGENS
2015

MARIA IONETE DA SILVA SANTOS

LEITURA E ESCRITA COM O GÊNERO RECEITA CULINÁRIA

Marabá

2019

MARIA IONETE DA SILVA SANTOS

LEITURA E ESCRITA COM O GÊNERO RECEITA CULINÁRIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Letras e Linguagens na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Área de concentração: Linguagens

Orientador Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: Bom

BANCA EXAMINADORA

Prof. orientador Dr. Lucivaldo Silva da Costa- UNIFESSPA

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas- UNIFESSPA

Quélvia Souza Tavares- IFPA

Marabá

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da UNIFESSPA

Santos, Maria Ionete da Silva

Prática pedagógica com o gênero receita culinária no ensino da leitura e escrita com alunos do 6º e 7º ano da Escola Boa Esperança / Maria Ionete da Silva Santos ; orientador, Lucivaldo Silva da Costa. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - São Domingos do Araguaia (PA). 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 3. Leitura - Estudo e ensino. 4. Escrita. 5. Culinária. 6. Sociolinguística. I. Costa, Lucivaldo Silva da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 469.07

Dedicatória

A Deus, luz que ilumina minha vida.

Aos meus pais, exemplos de vida e força inspiradoras.

Ao meu esposo Luiz Filho, eterno incentivador e companheiro.

Aos meus filhos Thiago Bruno, Luiz Neto e Ianna Conceição, minhas pedras preciosas.

A minha grande amiga e comadre Raimundinha Souza, grande responsável pela motivação que fez dos meus sonhos realidade.

AGRADECIMENTO

A Deus e Nossa Senhora pela sua constante presença em minha vida, me capacitando e guiando os meus passos para enfrentar os desafios que este curso me proporcionou.

Aos movimentos sociais por suas lutas e reivindicações, para que os professores do campo também pudessem ter uma licenciatura.

Aos meus pais Antonio Rodrigues e Melice Costa que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Aos meus irmãos Antonia das Graças e José Denis juntamente com suas famílias sempre me apoiaram.

Ao meu esposo Luiz Filho e aos meus filhos Thiago Bruno, Luiz Neto e Ianna Conceição pelo apoio e a compreensão durante todo esse período com os seus gestos, olhares e palavras me serviram de estímulo para conquistar esse sonho.

Ao diretor, professores e alunos da escola Boa Esperança por terem me acolhido com tanto empenho e dedicação.

As minhas amigas do curso Maria de Lourdes e Maria Lucimar, pela troca de experiências vividas, e pelas incansáveis horas de estudos.

Aos meus amigos do curso pela amizade conquistada e por toda ajuda e contribuição, principalmente o Aldenir, não apenas como colega de classe, como também na minha construção enquanto pessoa, enquanto ser humano.

A minha amiga e comadre pelas broncas e puxões de orelhas para caminhar firme e não desistir e também por me ajudar e me dar forças com suas palavras de apoio e incentivo.

Ao nosso motorista Sr: Pedro pelas incansáveis viagens nos levando e indo nos buscar na universidade.

A todos os professores que fizeram parte do corpo docente durante toda a trajetória do curso da educação do campo, me proporcionando a oportunidade de

acesso ao conhecimento indispensáveis na minha passagem pela universidade e fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto profissional.

Ao meu professor-orientador Dr. Lucivaldo Silva da Costa, pela contribuição na minha formação acadêmica e por suas sábias palavras de orientação.

Por fim, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, pela oportunidade de honrosamente receber o título de Educação do campo com ênfase em letras e linguagens, do qual me orgulharei por toda minha vida.

E a todos os (a) amigos (a) que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

MUITO OBRIGADA!

Lista de Imagens

Imagem 1: PA/Paulo Fonteles Vicinal 43.....	16
Imagem 2: Escola Boa Esperança.....	17
Imagem 3: Esquema da Sequência didática.....	41
Imagem 4: Aluna do 6º ano lendo Receita Culinária.....	45
Imagem 5: Pequena Plantação de Abóbora próximo a escola.....	46
Imagem 6: Receita da Felicidade.....	47
Imagem 7: Alunos preparando a Pizza Falsa.....	48
Imagem 8: Pizza falsa pronta para degustar.....	48
Imagem 9: Alunos descascando macaxeira.....	49
Imagem 10: Chuvas de receitas que os alunos trouxeram de casa.....	50
Imagem 11: Pratos pronto para a culminância.....	50
Imagem 12: Caderno de receitas.....	51
Imagem 13: Receita de purê de macaxeira.....	51
Imagem 14: Receita bolo de macaxeira.....	52
Imagem 15: Culminância do projeto.....	52

RESUMO

O presente projeto teve como objetivo analisar as contribuições de atividades interdisciplinares para o ensino da leitura e escrita na sala de aula, a partir de uma sequência didática com o gênero receita culinária. A sequência didática foi desenvolvida na escola Municipal de ensino fundamental Boa Esperança localizada no município de São Domingos do Araguaia-PÁ com alunos do 6º e 7º ano. Foi desenvolvida uma pesquisa-ação tendo como objetivo atribuir significado ao ensino da leitura e escrita dos alunos desta unidade escolar. Propomos aos alunos uma metodologia para o ensino da leitura, escrita e produção de texto tendo em vista a retextualização a partir do gênero receita culinária e poesia. A fundamentação teórica foi realizada com base em alguns estudiosos, entre eles os estudos de Marcuschi (2008), Bakhtin(2000), Koch e Elias(2010, 2012), Geraldi(1997), Ivani Fazenda(1994,2002), Dolz e Schneuwly (2004), Freire(1982,1996) e os PCNs (1998) de língua portuguesa, para tratar da importância do uso dos gêneros textuais na escola, pois os gêneros possibilitam trabalhar não somente o ensino da língua, mas também as questões socioculturais adquiridas fora da escola. Diante disso foi possível analisar de que forma o gênero textual junto à interdisciplinaridade pode contribuir no ensino da leitura e escrita, deixando bem claro ao professor que a sua prática não é algo que está pronto e acabado e que as outras disciplinas estão sempre uma complementando a outra. Os alunos fizeram a retextualização do gênero receita culinária para o gênero poema. Os objetivos propostos foram alcançados, o que proporcionou aos alunos uma aprendizagem significativa. Os alunos mostraram avanço no seu processo de construção da leitura e escrita.

Palavras-chave: Gênero Textual; Interdisciplinaridade; leitura e escrita.

SUMÁRIO

1 O ASSENTAMENTO PA PAULO FONTELES	9
1.1 Breve Histórico da trajetória de Paulo Fonteles de Lima	9
1.2 O histórico do Assentamento PA Paulo Fonteles	13
1.3 Histórico da Instituição Escolar no PA Paulo Fonteles	16
2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
3 OBJETIVOS	21
3.1 Objetivo Geral	21
3.2 Objetivos Específicos	22
4 JUSTIFICATIVA	22
5 METODOLOGIA	23
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
6.1 Breve histórico dos gêneros textuais	26
7 GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA	31
7.1 O Gênero <i>Receita Culinária</i>	33
7.2 O gênero receita culinária no contexto da leitura e escrita	34
7.3 Receita Culinária e Sua Composição Estrutural	37
7.4 A Receita Culinária Numa Perspectiva Interdisciplinar Na Sala De Aula .	38
8 SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO RECEITA CULINÁRIA	41
8.1 Descrição das Atividades na Aplicação da Sequência Didática (Primeiro Momento)	43
9 ANÁLISES E DISCUSSÕES	55
9.1 Desenvolvimento do projeto	56
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	61
ANEXOS 1	62
IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA 03	62

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA 04.....	68
--	-----------

1 O ASSENTAMENTO PA PAULO FONTELES

O presente capítulo tem a finalidade de apresentar o histórico do surgimento do PA/Paulo Fonteles, que é um assentamento localizado no município de São Domingos do Araguaia. O capítulo está assim organizado em duas seções: na seção 1.1, breve histórico da trajetória de Paulo Fonteles de Lima, na seção 1.2, discutimos a respeito da criação do Assentamento Paulo Fontelese na seção 1.3 discorreremos sobre a criação da escola Boa Esperança

1.1 Breve Histórico da trajetória de Paulo Cesar Fonteles de Lima

Paulo Cesar Fonteles de Lima, nasceu na cidade de Belém do Pará, no dia 11 de fevereiro de 1949, filho de Benedito Osvaldo Rodrigues de Lima, oficial da Marinha Mercante e de dona Cordolina Fonteles de Lima, carinhosamente conhecida como D. Nita.

Paulo Fonteles era o oitavo filho de uma prole numerosa. Seus pais militavam no Partido Comunista do Brasil desde as lutas de 1945, dizia sempre que o início de sua compreensão da dramática situação vivida pelo povo brasileiro, havia nascido na sua infância. Morador de um casarão de esquina, de um lado convivia com os meninos da pequena burguesia abastada e de outro, com moleques da baixa da Boa Ventura, que viviam na mais absoluta pobreza.

Com 15(quinze) anos de idade, precocemente, havia lido toda a coleção de Machado de Assis, Castro Alves, Manoel Bandeira e outros clássicos, além de ter demonstrado desde cedo, especial interesse pela música clássica, dando desde esta época importância especial a todas as formas de artes. Amante da boa Literatura, com o passar dos anos, foi encarando as poesias de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e os personagens de Jorge Amado, fixaram-se em seu espírito adolescente.

Paulo Fonteles, apesar de sua pouca idade, iniciou os seus estudos teóricos absorvendo os pensamentos dos filósofos iluministas de Revolução Francesa e as

ideias de Voltaire, Darwin, Marx, Engels e Lênin, representava um fascínio para o seu espírito inquieto, a procura de novos caminhos, começando desde esta época incentivar todos os que o rodeavam com suas ideias progressistas libertárias e sua personalidade forte e marcante, imbuída dos melhores ideais da humanidade incendiava-o como um clarão, iniciando o seu processo de revolucionário, jogando muito longe seus ideais.

Em 1968, ingressou na Universidade Federal do Pará, tendo escolhido o curso de Bacharel em Ciência do Direito, e após ingressar na Universidade começou a destacar-se como liderança nas grandes manifestações que os estudantes de todo o Brasil realizavam contra a política do Governo do Regime Militar que pretendia entregar a educação nas mãos dos estrangeiros.

Nessa época, Paulo Fonteles pichava nas paredes de seu quarto de estudo em letras caixa alta vermelhas: “NEM A FORÇA DOS VENTOS, PODE DERRUBAR UM IDEAL”.

Em 1969, depôs do AI-5 do famigerado Governo de Geisel e do Decreto 477, do então ministro Jarbas Passarinho, que golpearia o movimento estudantil, Paulo Fonteles, dedicou-se no Pará a reorganizar o movimento dos estudantes, sendo eleito membro da Diretoria da União Estadual dos Estudantes (UEE), tarefa que lhe coube como militante da Ação Popular, organização revolucionária de origem pequena-burguesia, que predominava no movimento estudantil.

Em 1970, mudou-se para Brasília com sua mulher Hecilda Mary Veiga Fonteles de Lima, participando ambos ativamente nas lutas dos estudantes, colaborando na organização da UNE (União Nacional dos Estudantes), entidade maior dos estudantes brasileiros, então na ilegalidade. E por estas atividades, em 6 de outubro de 1971, foram presos pelo famigerado DOI-CODI, sofrendo ambos as mais bárbaras torturas nos porões dos órgãos de repressão de Brasília, Rio ou São Paulo, no entanto, considerava absurdo, como denunciou ao jornal Resistencia do Pará, ter sido torturado no próprio Ministério do Exército em Brasília e sua mulher, grávida de 8 (oito) meses foi também, brutalmente espancada em sua presença e os seus torturadores diziam: “filho desta raça não merecem nascer”.

Condenado numa verdadeira farsa, por defender os interesses dos estudantes e do povo brasileiro, esteve preso durante um ano e oito meses, cumprindo a pena em presídios militares de Brasília, Rio de Janeiro e posteriormente transferido para o presídio São José no estado do Pará. E é fruto desta época de tortura, mortes nas ruas, companheiros sendo assassinado, enlouquecido, que Paulo Fonteles diz: “ e que caí menino, sobrevivi homem, saí quase velho”.

E foi na prisão que teve conhecimento do movimento guerrilheiro do Araguaia, onde forças populares, guerrilheiro dirigidos pelo PC do B, se levantavam de armas na mão, contra a ditadura fascista. Rapidamente Paulo Fonteles noticiou esta gloriosa jornada de luta para todos os seus companheiros de prisão, orgulhoso por esta luta de resistência acontecer justamente em sua terra.

Além de condenado a cadeia, Paulo Fonteles, foi proibido de estudar durante três anos, por lutar para que a universidade brasileira não fosse colocada a serviço dos estrangeiros poderosos. Ao sair da prisão, já militava no Partido Comunista do Brasil, se engajando na luta pela resistência ao Regime Militar, pela anistia, pela revogação dos atos e leis de exceção e principalmente por uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, como ele mesmo dizia: “cumprida a pena iníqua, retornei logo a luta política”.

Em agosto de 1977, já formado em Direito, juntamente com inúmeros democratas, participa da organização da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH), sendo eleito seu primeiro presidente, onde inicia suas jornalísticas, fundando o Jornal Resistencia< de grande combatividade na época da ditadura militar.

Em agosto de 1978, foi novamente indiciado, juntamente com sua mulher, por ter denunciado publicamente as torturas que sofrera. Perante o Tribunal Militar, Paulo e Hecilda Fonteles, reafirmaram as denúncias e o Tribunal, frente à mobilização do povo e a atitude firme de ambos, acabou julgando-se incompetente para realizar o julgamento.

Convidado logo depois pelo ex-bispo de Conceição do Araguaia, D. Estevão Cardoso de Avelar, Paulo Fonteles foi contratado pela Comissão Pastoral de Terra (CPT), como primeiro advogado paraense a se dedicar exclusivamente à defesa dos

posseiros de Xinguara, Marabá, Rio Maria, Conceição do Araguaia, São Geraldo, Itupiranga, Goianésia, Arraias, Santana do Araguaia e outros municípios da região, calculando-se que tenha defendido milhares de famílias que eram sumariamente expulsas de suas terras pelos grandes latifundiários e grupos economicamente poderosos, durante cinco anos, ele dizia: “combati de frente os pistoleiros, os jagunços, a grilagem dos latifundiários do sul do nosso estado, denunciando os crimes da polícia e organizando os trabalhadores para a luta”.

Nas eleições de 1986, para a Assembleia Nacional Constituinte, Paulo Fonteles, candidatou-se a deputado federal, tendo a perfeita compreensão do momento em que vivia. Desde 1967, desfraldada a bandeira da Constituinte e durante duas décadas defendeu-a em reuniões, seminários, palestras, debates, congressos, comícios, dentro e fora do Pará e como afirmava: “livre e soberana, a representar a vontade do povo brasileiro”. Considerava ainda que a convocação da Assembleia Constituinte, embora com enormes restrições e defeitos, representava uma grande vitória para o povo.

Em 21 de abril de 1987, por ocasião do ato pela reforma Agrária, realizado em Xinguara, é aplaudido pelos trabalhadores da região e recomeça com reunião e promoções de cursos de formação com os lavradores e seu nome começa a ser cogitado para a prefeitura Municipal de Xinguara, com os trabalhadores e agricultores reclamando para que se candidate, fato que perturbava o sono dos donos do poder e latifundiários da região, aumentou as ameaças de morte contra a sua pessoa, até que as ameaças se tornaram realidade no dia 11 de junho de 1987, Paulo Fonteles é assassinado barbaramente e covardemente.

Sua morte causou imensa comoção por todo o Brasil. Seu corpo foi velado na Assembleia Legislativa do Estado por milhares de amigos e companheiros e seu enterro acompanhado a pé por milhares de pessoas num percurso de 4 km, que se transformou num brado de protesto contra as forças do latifúndio e contra a UDR e seus seguidores, através de imensa passeata, com mais de 7000(sete mil) pessoas ao som do Funeral do Lavrador de Chico Buarque e João Cabral de Melo Neto, que atravessou a cidade de Belém com manifestações de revolta e solidariedade da população, quando bandeiras do Brasil e pedaços de panos vermelhos, como a improvisar a bandeira do seu partido, postas nas sacadas dos edifícios para

homenageá-lo em seu último passeio, pela terra onde tanto lutou, tanto amou, enquanto papéis picados eram jogados das repartições, bancos e residências particulares. Seus familiares e companheiros a todo momento sentiam que a vida de Paulo Fonteles tinha sido útil, fértil, pois como dizia o mesmo: “minha vida ainda que modesta, tem sido única e exclusivamente dedicada à luta de nosso povo e não tem outro sentido”.

Em 11 de agosto de 1987, um mês após seu brutal assassinato é lançada a FUNDAÇÃO PAULO FONTELES, em uma grande manifestação, como uma entidade democrática, objetivando aglomerar os setores progressistas e democráticos para junto com seu Partido, e demais organizações populares, desenvolver sua luta, adotando como princípio a afirmação de Paulo Fonteles, publicada no jornal Tribuna da Luta Operaria, do qual também era correspondente, consciente do perigo que corria: Tiram minha vida, não minhas ideias. Mais importante é a luta do povo”. Sabedor que sua luta, a nossa luta, a luta da grande maioria do povo brasileiro e de todos os povos, é historicamente vitoriosa.

1.20 histórico do Assentamento PA Paulo Fonteles

O Cuxiú é uma área de Castanhal com 11.226 hectares subdividida em subáreas: Cuxiú I (1.742Km), Cuxiú II (5.735ha) e Boa Esperança (3.749ha). Atualmente estas subáreas recebem o nome de PA Paulo Fonteles o qual recebeu este nome devido a luta do Deputado Paulo Fonteles em defender os posseiros dando-lhes total apoio. O PA/Paulo Fonteles está localizado a 19 km de São Domingos do Araguaia, antes era município de São João do Araguaia, mas a partir de 1991 São Domingos passou a ser uma cidade, que foi criada pela lei N° 5.706, de 27 de dezembro de 1991, desde esse momento o Cuxiú foi desmembrado de São João do Araguaia passando assim a ser município de São Domingos do Araguaia.

Nos anos 80 o Cuxiú era uma área de castanhal da família Mutran, e em 1981 os posseiros ocuparam essas terras, os quais passaram por muitos conflitos e ataques dos policiais que vinham sem nenhum mandado da justiça para expulsar os posseiros das terras dos Mutran e os mesmos saíam sob ameaças de pistoleiros, mas logo voltavam para as terras. A posse das terras do Cuxiú só foi possível devido

a persistência e resistência dos posseiros, pois eles se organizavam para lutar contra tudo e contra todos para conquistar um pedaço de terra. Eles sempre se organizavam em mutirão, ou seja, um sempre ajudando o outro, pois eles tinham que resistir para poderem conquistar seu pedaço de terra para produzir alimentos necessários a sua sobrevivência sua e de seus familiares. Segundo a senhora Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira, (2015):

Grande conflito, os pistoleiros tirava a gente de lá, a polícia. E a gente resistia os homens se organizavam formavam sua estratégias e resistia né, quando eles tirava, aí por isso ele... e a outra parte não tinha estrada, essas vicinais eu tô falando da 1,2,3 não tinha estrada então a polícia não entra na mata, assim então eles embreavam pra lá e fugia da polícia e aí foi. Os conflitos foi grande mais aí foi vencido.

O que a senhora Cledeneuza quis dizer é que, eles resistiram à todas as atrocidades dos pistoleiros e da polícia, porque as pessoas que adentraram nas terras dos Mutran tinham necessidade de trabalhar, e eles conheciam as matas e por isso não tinham medo de se embrenhar nela, enquanto que os policiais tinham medo e não adentravam na mata e que, mesmo com a entrada dos policiais na área, eles resistiram e permaneceram no local, mantendo-se firmes.

De acordo com as entrevistas realizadas no 1º tempo comunidade, uma vez vieram para o Cuxiú 42 policiais com o intuito de prender os posseiros, depois que conseguiram prende-los alguns ficaram em um barracão sem poder sair e outros ficaram presos em cima do carro da polícia militar. Enquanto eles estavam presos no Cuxiú, as suas esposas estavam em São Domingos lutando para solta-los e com a ajuda do governador da época Jader Barbalho e o advogado Paulo Fonteles eles foram soltos. E depois de muito lutarem pela posse da terra eles conseguiram seu lote, mesmo assim só tiveram paz e tranquilidade a partir de 1985, quando construíram a vila pois se sentiam mais fortalecidos e protegidos por estar mais próximos uns dos outros e por suas famílias poderem trabalharem com mais tranquilidade.

Dona Maria Cledeneuza faz um breve comentário de como surgiu as vicinais 41 até a 46:

Aí é as vicinais, que quando a gente foi pra terra, aí foi feito as áreas né que é o Cuxiú 1 e 2 e a Maria Mussal. Então, o que que a gente fez não é boa Boa Esperança aí o que que aconteceu lá em cima, confrontando com o Almescão, que é a vicinal que se deu o nome 42, foi a origem devido ter 42 policiais e foram tirar o povo da terra, aí por 42 foram classificando as outras

vicinais dividiram o PA em vicinais aí foram colocando a 41, aí vem descendo a 43 a 44 a 45 aí sobe a 46.

De acordo com a entrevistada, as vicinais foram criadas a partir da chegada de 42 policiais, e que descendo 1 km seria a 41 e onde os policiais chegaram seria a 42 devido a quantidade de policiais que tinham chegado no Cuxiú, e daí em diante foram criadas as vicinais 43, 44,45,e a 46.

O senhor Luiz também fala como era o Cuxiú quando eles ocuparam as terras:

Vixe nois cheguemo lá era só mata bruta, só matão brabo mesmo, aí não tinha estrada, não tinha nada, aí era tudo com o paneiro nas costas cortando e caçando lugar que tinha água pra poder acampar. Deis que acampemo com 2 anos é que miorô, mais tinha muita estrada feita já a facão, a machado toda feita de facão, tocaria pra andar muntado. Depois nois conseguimo uma máquina, com 2 anos uns 3 anos fez 5km de estrada, aí através de briga de político ai tiraram as máquinas e nunca mais entrou uma máquina lá dentro, aí com muito tempo é que conseguimos, vendendo as madeira para os madeireiros e pagando dando as madeira tá fazendo estrada.

De acordo com o entrevistado acima, o Cuxiú era uma área que tinha muita mata, e quando eles adentraram nela, foram criando estrada feita a facão e machado, faziam estradas sempre em busca de água, e que o Cuxiú só veio a melhorar depois de 2 (dois) que estavam lá, porque conseguiram umas máquinas para fazer estradas e também limpar seus lotes, mas os políticos retiraram as máquinas e eles foram vender toda a madeira das terras para os madeireiros, para que eles fossem abrindo mais estradas.

No ano de 1988 o Cuxiú foi incluído em área de desapropriação para a reforma agrária, nessa época o ministro da reforma agrária comprou as terras dos Mutran e pagou um preço bem alto, além do que valiam. Essa época, o então ministro, Jader Barbalho, não fez reforma agrária, ele simplesmente comprou as terras, e mandou o INCRA ir demarcar as terras, pois fazer reforma agrária não é somente distribuir terras, mas dar garantia a cada um dos posseiro para que sobrevivessem nas terras, pois o dinheiro gasto na compra das terras poderia ter sidos empregado em melhoria na saúde e em créditos para as famílias dos posseiros para que pudessem trabalhar com mais dignidade, pois somente com políticaspúblicasé que daria para os assentados se manterem nos lotes.

Atualmente as famílias que lutaram para a conquista da terra, alguns já não moram mais no Cuxiú, pois tiveram que vender o seu lote e comprar uma casa na cidade para colocar seus filhos, para dar continuidade a seus estudos e também porque não tinham como se manter na terra. Hoje o Cuxiú está com sua paisagem

natural devastada, pois os castanhais já não existem mais, foram derrubados para vender a madeira e também para que os posseiros pudessem fazer suas roças, hoje alguns dos que ainda moram no Cuxiú vivem basicamente do bolsa família e ainda plantam milho, abóbora e macaxeira, criam galinhas para venderem para que possam se sustentar, e os que compraram as terras são grandes fazendeiros que criam gado para a produção de leite, hoje em vários lotes tem um resfriador de leite o qual depois de resfriado é levado para os laticínios.

Imagem01: PA/Paulo Fonteles Vicinal 43



Fonte: *Arquivo pessoal*

1.3 Histórico da Instituição Escolar no PA Paulo Fonteles

A escola Boa Esperança que antes funcionava na vicinal 42, até o ano de 1987 passou a funcionar no início 1988 na vicinal 43, por decisão da comunidade pois os alunos da 43 eram pequenos e não tinham como chegar até a escola pois nessa época não tinha transporte escolar. A 1ª professora desta escola foi a Senhora Maria Raimunda que apesar de ter apenas o 1º grau completo, trabalhava com um total de 45 alunos, sendo 25 no turno matutino e 20 alunos no turno vespertino. Quando a escola chegou à vicinal 43, ela funcionava em uma casinha de barro feita pela própria comunidade, apenas no ano de 1993, na gestão do então Prefeito Moisés Soares foi construída uma sala de aula, uma secretária e uma

cozinha. No ano de 2007 foram construídas mais outras dependências escolares, sendo elas: mais uma sala de aula, uma diretoria e dois banheiros. Segundo a senhora Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira,(2015)no início da ocupação das terras dos Mutran:

A escola foi uma estratégia para permanecer na terra, logo antes de tudo quando a gente ainda tava nos conflitos, a gente já criou a escola, então, foi pra lá pra dentro da terra os pais, as crianças e a professora, a na 42 ficou a Morena, na 44 ficou Eu, aí foi essas duas escola primeiro, no segundo ano já criamos uma na 43, porque era muito longe para os alunos pequeno viajar. Aí criou-se uma escola na 43 que eu se não me engano, era a Raimunda fia do seu Miirim.

Segundo Dona Cledeneuza a escola foi criada, para que eles permanecessem nas terras, por que eles acreditavam que tendo escola o governo compraria as terras e daria para cada um que estava no Cuxiú. Essa foi a maneira que eles encontraram para ficar na terra.

O senhor Luiz Pereira que também é um dos que participaram da ocupação do Cuxiú também fala como era a escola:

Rapaz, criamos uma lá dentro barracãozão de palha, tampada de lasca de pau, arrumamos uma professora por nome de Morena e colocamos lá dentro, e ela saiu de lá cadaca, deu aula lá quase trinta anos, que deu aula lá dentro.

De acordo com o entrevistado, ele fala que a escola era um barracão, feita de lascas de pau e coberta de palha, e que arrumaram uma professora que deu aula para as crianças, e que só saiu de lá cadaca.

Hoje a escola Boa esperança é construída e possui duas salas de aula, uma cozinha, uma secretaria, uma diretoria e dois banheiros.

Imagem 2: Escola Boa Esperança



Fonte: *Arquivo pessoal*

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho apresenta as atividades e contribuições do gênero textual receita culinária, através da pesquisa-ação, a leitura e escrita dos alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da escola “Boa Esperança”, localizada no PA/Paulo Fonteles, vicinal 43, no município de São Domingos do Araguaia. A escolha do tema se deu a partir do problema encontrado que foram as dificuldades que os alunos têm em ler e escrever, durante as observações realizadas na pesquisa socioeducacional do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A pesquisa-ação desenvolvida na escola é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema, que nesse caso é as dificuldades que os alunos têm em ler e escrever e a pesquisa-ação contribui na melhoria dos problemas encontrados durante a execução do projeto.

A partir da pesquisa-ação levantamos a seguinte problemática, quais eram as contribuições que o gênero textual receita culinária pode trazer no ensino da leitura e escrita para os alunos do 6º e 7º ano? Os alunos da referida escola acima citada têm muita dificuldade com a prática da leitura e escrita, por isso os professores tem um papel importante no incentivo da leitura e escrita, que são as ferramentas capazes de contribuir e promover a comunicação do aluno com o mundo, por isso optamos em trabalhar com a interdisciplinaridade do português com as demais disciplinas em um trabalho coletivo com todos os professores e com a comunidade escolar.

Sabemos que existe uma grande variedade de gêneros textuais que podem ser utilizados como incentivo à leitura e escrita, como: anúncios, convites, notícias, avisos, bulas, cartas, cartazes, contos de fadas, crônicas, entrevistas, letras de músicas, receitas culinárias, entre outros. Abordamos o gênero receitas culinárias porque é um gênero que está mais presente no dia a dia dos alunos do campo, pois são textos mais interessantes e desperta o interesse dos alunos pela leitura e escrita.

A pesquisa-ação dentro da escola nos permite acompanhar o desenvolvimento dos alunos na leitura e escrita, partindo da realidade social da comunidade e dos conhecimentos que os alunos possuem acerca do gênero trabalhado. Os alunos não têm acesso a jornais e revistas e também não

possuibilitecna na escola, todos esses fatores contribuem para que os mesmos não tenham o gosto pela leitura e escrita. Porque só aprendemos a ler lendo e a escrever escrevendo, é vivendo as experiências de leitura e escrita, que o aluno tem a possibilidade de compreender o que lê e o que escreve.

O trabalho está dividido da seguinte forma: No primeiro capítulo, introdução, onde há a apresentação do tema proposto, considerações sobre a interdisciplinaridade, além dos objetivos e a justificativa o trabalho que é: quais as contribuições que o gênero textual receita culinária pode trazer no ensino da leitura e escrita para os alunos do 6º ano? O segundo capítulo traz uma discussão teórica sobre gênero textual e sua função na sala de aula, além de considerações a respeito da interdisciplinaridade como proposta de trabalho na escola. Com vistas a unir as atividades nas disciplinas desenvolvidas na sala de aula.

O terceiro capítulo discute os resultados do projeto, bem como as atividades desenvolvidas em sala de aula, abordando as contribuições de um trabalho interdisciplinar com o gênero textual receita culinária, envolvendo algumas disciplinas do ensino fundamental II. Por fim, as considerações finais e referências bibliográficas. O trabalho foi realizado em forma de uma sequência didática, prática pedagógica com o gênero textual receita culinária no ensino da leitura e escrita com alunos do 6º ano”.

O quarto capítulo conclui que o gênero textual é uma ferramenta muito importante para a aprendizagem dos alunos e que com a leitura ajuda também a organizar e formular os pensamentos que propicia os alunos uma maneira diferente de ver o mundo.

Esse projeto com a receita culinária surgiu na pesquisa socioeducacional do tempo comunidade do estágio-docência V cujo eixo temático era a Cultura, e quanto a leitura e escrita foram detectados desde o primeiro tempo comunidade que foi observar os alunos e professores em sala de aula.

Sabemos que as receitas culinárias passam de mãe para filhos, ou até mesmo de geração para geração. As pessoas da comunidade ensinam os vizinhos e seus filhos. Trata-se, portanto, de uma prática sociocultural cotidiana e muito recorrente naquela comunidade.

A sequência didática foi desenvolvida no período de 11 de março a 16 de abril de 2019. As atividades realizadas tiveram como finalidade mostrar a partir das

receitas as experiências vivenciadas pelos educandos e o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita com base no gênero textual receitas culinárias.

O gênero receita culinária foi escolhido com o intuito de inserir os educandos em um contexto interdisciplinar, pois o mesmo pode apresentar resultados significativos em sala de aula, através da parceria com os professores e toda a comunidade escolar, fazendo com que os educandos sejam eles próprios os protagonistas de seus trabalhos, uma vez que são eles que irão apresentar os trabalhos orais e escritos, demonstrando assim a dinamicidade do trabalho com o gênero receita culinária.

O trabalho interdisciplinar foi adotado em sala de aula envolvendo algumas disciplinas em conjunto com alunos, professores e toda a comunidade escolar, para mostrarmos que é possível trabalhar a leitura e escrita não fragmentadas, em que um professor ensina somente o conteúdo que foi planejado para ele desenvolver em uma única disciplina. A proposta inicial de se trabalhar com o gênero receita culinária foi principalmente para nos direcionar a uma aula reflexiva e atuante, na qual os docentes tenham objetivo em comum, que é a ampliação dos conhecimentos, envolvendo as outras disciplinas.

Sabemos que quanto mais o aluno estiver envolvido em atividades que lhes propiciem aprendizagem de forma dinâmica, elas podem lhe proporcionar caminhos à interação sociocultural e sociolinguística, contribuindo assim para o desenvolvimento do seu processo cognitivo e humano.

Diante de tudo exposto, existe uma indagação que sempre me inquietou nos trabalhos acadêmicos do tempo comunidade, nas pesquisas sociocomunicativas que é: quais as contribuições que o gênero receita culinária pode trazer para os educandos do campo em relação a leitura e escrita?

Por isso a proposta de trabalhar com o gênero textual receita culinária em uma perspectiva interdisciplinar, articulando a finalidade do gênero com as disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, geografia, história e artes através de exposições e apresentações dos trabalhos pesquisados e produzidos pelos alunos, pois acredito que o trabalho interdisciplinar pode trazer resultados significativos para a sala de aula, mostrando a dinamicidade do gênero textual, fazendo com que seja possível o trabalho com outras áreas de conhecimento que não seja apenas o da língua portuguesa, mostrando assim, que é possível

desenvolver atividades interdisciplinar explorando um único gênero e não apenas conceituando como mostram nos livros didáticos.

É um dos papéis da escola preparar o aluno aos inúmeros tipos de interação com o meio físico, social e cultural. Cabe à escola também a sistematização dos saberes na construção do conhecimento que os alunos possuem a respeito do que será estudado, pois a partir do momento em que são inseridos com a diversidade de gêneros na escola, este os coloca em contato com diversos usos sociais da linguagem, tanto em sua modalidade escrita, quanto oral. O ensino de gêneros textuais na escola é importante pois, ao estudá-los e se familiarizar, o aluno pode ser capaz de, em situação real da vida cotidiana, reconhecê-los e usá-los de modo competente.

Segundo Fazenda (1994), O pensar e o agir interdisciplinar partem do princípio de que nenhuma fonte de conhecimento é em si mesma completa. Daí a necessidade da interação, do diálogo entre as diversas especialidades do conhecimento. Entretanto, a interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação, atitude de vontade na procura de conhecer melhor o sujeito e seus trabalhos, promovendo uma transformação do conhecimento. Para a autora, “Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão” (FAZENDA, 1994, P. 11).

Para a autora o conhecimento interdisciplinar deve ser uma comunicação entre os domínios do saber, e não uma forma de neutralizar todas as significações das outras disciplinas, pois uma atitude interdisciplinar leva o docente a conhecer as barreiras de sua disciplina e acolher as outras disciplinas na tentativa de substituir o conhecimento fragmentado.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- ✓ Propiciar aos educandos um aprendizado significativo através de pesquisas e práticas, despertando neles o interesse e o gosto pela leitura e escrita do gênero textual receitas culinárias.

3.2 Objetivos Específicos

- Identificar no cotidiano o gênero textual receita culinária;
- Solicitar aos alunos que tragam uma receita culinária;
- Pesquisar em livros, revistas outras receitas;
- Compreender as funções de cada estrutura da receita; ingredientes e modo de fazer;
- Aprender na prática a preparar uma receita que os educandos mais gostam;
- Criar uma receita da vida (Bolo de carinho, docinho de amizade, biscoito da esperança);
- Produzir um caderno de receita culinária ilustrado;
- Produzir uma sequência didática a partir das produções dos alunos.

4 JUSTIFICATIVA

Tendo presenciado, através das observações nas pesquisas socioeducacional dos tempos comunidades, realizadas em uma escola municipal do município de São Domingos do Araguaia com alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental II, percebi que a maioria desses alunos apresentaram dificuldades na leitura e escrita, e na aprendizagem de matemática desta forma julgamos necessário elaborar um projeto interdisciplinar envolvendo algumas disciplinas da grade curricular, desta unidade escolar, através de uma sequência didática, trabalhando com a realidade dos alunos, a partir das receitas culinárias tendo como finalidade o desenvolvimento dos alunos nos quisitos: ler, escrever e produzir textos, fazer cálculos, analisar e resolver problemas.

Achamos necessário trabalhar o gênero textual, com a realidade histórico e social dos alunos, porque eles já têm um conhecimento prévio para a sala de aula e eles trazem consigo os conhecimentos adquiridos na família, as suas experiências

do cotidiano em sua formação pessoal. A receita culinária é um gênero que está presente em nossa vida. Por isso os alunos já têm um conhecimento prévio sobre esse tipo de gênero, só não possuem muitas vezes o domínio da leitura, escrita e interpretação adequada das receitas.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, isto é, faz-se necessário haver uma comunicação entre o leitor e o texto analisado. Sendo que a receita culinária é um gênero interdisciplinar, que se envolvem várias disciplinas como: Língua portuguesa, matemática, geografia, história, ciências e artes. E isso contribui para que desperte no aluno o interesse por outros assuntos das disciplinas e o leve a ter uma visão mais ampla sobre os mesmos.

Sabemos que nos dias atuais o aluno deve saber ler e escrever pois vivemos em um mundo moderno e que temos que ter agilidade e habilidade quanto a leitura e escrita, e sabemos que é na escola que adquirimos tais habilidades com propostas incentivadoras e desafiadoras por parte dos professores.

A leitura feita de maneira interdisciplinar, vivencia experiências para a vida, pela interação da linguagem falada e escrita, que não pode ficar restrita somente na sala de aula, pois a leitura e escrita são ferramentas básicas de interação com diferentes áreas do saber. Trabalhar a leitura e escrita de maneira interdisciplinar exercita a socialização entre os conteúdos das disciplinas e os alunos.

Portanto este trabalho aborda um trabalho interdisciplinar com o gênero receita culinária, e para que se trabalhe a interdisciplinaridade na sala de aula, é necessário a presença dos professores, alunos e toda a comunidade escolar, pois é a escola a porta de entrada para a abertura de novos conhecimentos e na elaboração de trabalhos numa parceria entre alunos e professores, alunos e alunos, professores das mais diversas áreas de conhecimento, para que este trabalho obtenha bons resultados com a interdisciplinaridade. Assim os gêneros passam a fazer parte do cotidiano dos alunos de forma prazerosa.

5 METODOLOGIA

Este trabalho se deu a partir da vivência no projeto de intervenção socioeducacional V, cujo tema era cultura. O gênero textual *receita culinária* foi uma

escolha dos professores e alunos da escola Boa Esperança localizada no PA-Paulo Fonteles, vicinal 43, municípios de São Domingos do Araguaia. A referida escola está situada na zona rural do município acima citado. Quanto ao desenvolvimento da pesquisa foram selecionados os alunos do 6º e 7º ano. A turma do 6º ano possui onze alunos e a do 7º ano doze alunos, na faixa etária entre 11 a 17 anos.

Quanto aos procedimentos da pesquisa nós utilizamos da pesquisa-ação que, segundo Michel Thiollent, é::

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14)

Para o desenvolvimento deste trabalho, planejamos e elaboramos uma sequência didática, com o intuito de utilizar o gênero textual escolhido nas atividades escolares, em uma perspectiva interdisciplinar, de forma que os professores e toda comunidade escolar da referida turma pudessem se envolver e contribuir com a elaboração e na aplicação da sequência didática em sala de aula.

O gênero receita faz parte do cotidiano dos alunos, portanto eles participaram das atividades com muito prazer, uma outra atividade que eles mais gostaram foi as pesquisas das receitas que eles trouxeram para a sala de aula, o interesse dos alunos foi muito grande e importante que resolvemos também complementar o trabalho estudando sobre as frutas que eles produzem no campo.

Dessa forma, o trabalho se tornou muito interessante quando observaram a quantidade de alimentos que eles têm e as atividades que direcionavam para os alimentos saudáveis que seus pais cultivam e que eles não davam valor, às vezes até jogavam fora quando estava na merenda escolar.

Quanto as atividades, os alunos não tiveram muitas dificuldades em desenvolvê-las. A parte prática foi a atividade em que os alunos mais se envolveram, uns levaram forma para a escola e outros levaram os ingredientes, mas a parte final eles interagiram bem, que era a confecção do caderno de receitas com alimentos que eles têm em sua comunidade.

As aulas com o gênero receita culinária deverá fazer parte dos conteúdos estudados em sala de aula, onde os alunos possam vivenciar o seu aprendizado teórico na prática. Será trabalhado também a leitura e a escrita das receitas, e

depois executar na prática fazendo as receitas que foram escolhidas e que tenham os ingredientes cultivados no campo e também escreverem receitas de amor, amizade etc.

As atividades desenvolvidas referentes ao gênero receita culinária foram de suma importância, pois a maioria dos alunos se empenharam e desenvolveram uma excelente atividade, que foi exposto no dia 16 de abril do corrente ano, com uma confraternização e a conclusão do projeto com um café literário, onde cada aluno se dispôs a levar sua receita para que pudéssemos degustar. Foi muito significativo desenvolver esse projeto, pois os alunos estiveram empenhados o tempo todo, finalizamos todos juntos em prol da apresentação dos resultados obtidos, com exposição das receitas que os alunos penduraram em um guarda-chuva e escreveram o nome de chuvas de receitas, e os poemas escreveram o nome receitas para a vida, e serviram aos convidados um belo café da manhã com bolos, tortas, pudim e sucos naturais, todos feitos com os produtos que seus pais cultivam no campo.

Com o desenvolvimento desse trabalho observamos que os alunos quando participam de atividades diferentes e interessantes eles ficam mais participativos nas aulas, eles se unem para desenvolver um excelente trabalho.

Para a elaboração do projeto e das pesquisas socioeducacionais do tempo comunidade fiz a leitura de alguns referenciais como: Marcuschi (2008), Bakhtin (2000), Brasil (1998), Geraldi (1997), Freire (1998 e 1996), Koch e Elias (2010 e 2012), Fazenda (1994), Dolz e Schneuwly (2004) para obter êxito no projeto de leitura e escrita com os alunos do campo.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse trabalho pretendo apresentar algumas concepções sobre os gêneros textuais e a importância da escrita e leitura em sala de aula, apontando suas contribuições para o ensino de Língua portuguesa.

6.1 Breve histórico dos gêneros textuais

A definição de gêneros textuais proposta neste trabalho baseia-se no entendimento do linguista Luiz Antônio Marcuschi, (2008) para o autor, os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, isto é, são textos que servem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Atualmente, os gêneros textuais têm sido muito discutidos nas escolas, em debates, conferências, entre outros espaços públicos. Assim, é interessante falar sobre a origem dos gêneros, já que ultimamente o tema vem sendo abordado na sociedade e nas escolas.

O estudo do gênero é muito antigo. Teve seu início com os gregos, se considerarmos os estudos de Platão e as divisões de Aristóteles com a retórica e a poética, desde a Idade Média, no Renascimento e na Modernidade até chegar ao século XX. Marcuschi (2008, p. 147) explica que:

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática, iniciou-se com Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema, seria ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais.

De início o que podemos constatar é que o conceito dos gêneros textuais tinha um alcance limitado, cobrindo apenas as manifestações literárias, conforme a visão Aristotélica. Nos dias atuais, os gêneros abrangem todas as esferas de interação sociolinguística, englobando tanto a modalidade oral, quanto a escrita da língua materializadas nas práticas sociais, existentes em nossa vida diária, sendo, portanto, impossível nos comunicarmos, verbalmente, sem a presença de um deles, seja ele escrito ou oral. Marcuschi (2008, p.155) define os gêneros textuais como:

[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que

apresentam padrões sócio comunicativos características definidas por composições funcionais, objetivas, enunciativas e estilos na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...] os gêneros são formas textuais escritas ou orais.

Em seu texto intitulado “gêneros textuais no ensino de língua”, Marcuschi aponta que hoje o estudo dos gêneros textuais está na moda, mas em perspectiva diferente da aristotélica (MARCUSCHI, 2008, P.148). O termo “moda” se caracteriza pelo fato de os gêneros serem utilizados frequentemente e em números cada vez maiores, tornando-se assim, “um empreendimento multidisciplinar” (P. 149). Sendo assim:

A análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.

No texto, Carolyn Miller (apud Marcuschi, 2008) afirma que “os gêneros são uma “forma de ação social”. Eles são um “artefato cultural” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (MARCUSCHI, 2008, P. 149). Nesse sentido, um gênero pode ser “uma categoria cultural; um esquema cognitivo; uma forma de ação social; uma estrutura textual; uma forma de organização social; uma ação retórica” (MARCUSCHI, 2008, p.149).

Desse modo compreendemos que “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação” (MARCUSCHI, p.150), e que apesar das indagações em relação ao tema, como por exemplo, a ausência de trabalhos sistematizados que melhorem certos problemas numa perspectiva didática, e que são vistas apenas como aspectos estritamente formais ou estruturais, o que devemos ter em conta é a adequabilidade de cada gênero, para uma determinada função ou fim social que este deve exercer. “Todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma” (MARCUSCHI, 2008, p.150). O autor ressalta ainda que:

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social [...] corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcação se tornam fluidos (p.151).

Quanto aos três aspectos, isto é, ao gênero textual, tipo textual e domínio discursivo, o autor aborda de uma forma resumida que para noção de tipo textual,

predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; e para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica. No caso dos domínios discursivos, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos.

Marcuschi ainda aborda a questão dos suportes dos gêneros. Em que afirma “ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial”. Mais adiante o autor apresenta a definição de suporte: “pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”.

“É muito difícil contemplar o contínuo que surge na relação entre gênero, suporte e outros aspectos, pois não se trata de fenômenos discretos e não se pode dizer onde um acaba e o outro começa” (MARCUSCHI, 2008, P.176), O autor afirma que:

O suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de certo modo. O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado. A ideia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele (p.176).

Para Marcuschi, os gêneros são textos materializados em situações comunicativas recorrentes.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Marcuschi comunga da mesma ideia de Bakhtin, quando diz que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam de integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. E que é impossível a comunicação se não for através de um gênero, da mesma forma que é impossível não haver comunicação verbal através de um texto.

Segundo Marcuschi, quando dominamos um gênero textual, não estamos dominando uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente

objetos específicos em situações sociais particulares. Partindo disto, o autor ressalta:

A apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização de inserção prática nas atividades comunicativas humanas, o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual (BRONCART apud MARCUSCHI, 2008, p.154).

Grande é a diversidade que comporta os gêneros textuais, os quais estão espalhados por todos os lados, das mais variadas formas, sejam estes, orais ou escritos utilizados por nós para nos comunicarmos. Trabalhar a questão da escrita e oralidade contribuiu muito para a formação dos alunos e que as abordagens feitas por Marcuschi em relação aos gêneros textuais estão diretamente ligadas ao ensino, pois ele afirma que o trabalho com o gênero textual é uma grande oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia a dia.

Como podemos perceber, as contribuições para o assunto *receita culinária* não é pequeno, pois Marcuschi ainda destaca a questão da intergenericidade, ou seja, que um gênero assume a função de outro gênero, apresentando assim uma mistura entre funções e formas.

Para Marcuschi (2008, p.164) há uma diferença entre gênero e evento e a questão do suporte de gêneros textuais. Tratando da intergenericidade, por exemplo, ele toma um gênero que não sabemos ao certo o que é se é uma tira ou uma carta, usada por muitos periódicos semanais e jornais da época. Apresenta uma carta de despedida do autor do personagem Snoopy, em um quadrinho com o desenho do cachorrinho pensativo diante de uma máquina de escrever (2008, p.164). Ao aproximar as duas linhas de pensamento sobre os gêneros *receita culinária* não consiste apenas em apresentar semelhanças, mas apontar suas concepções acerca dos gêneros textuais e suas contribuições para o ensino da leitura e escrita em sala de aula.

Os gêneros sofrem alterações e até mesmo são substituídos. No início da era da comunicação, o gênero *carta* era o mais utilizado, mas com o aparecimento de computadores e da internet, o *e-mail* ganhou seu espaço no lugar da carta. A respeito desse gênero, Koch (2010, p.101) afirma que “Como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros”.

Bakhtin (1997) afirma que o discurso não é por si só autossuficiente, ele só pode ser compreendido diante de uma situação social que o engloba, não de forma isolada, pois o mesmo faz parte de um contexto social, através de processos de interação. Os gêneros estão inseridos na memória das pessoas, é onde estão armazenadas as grandes descobertas sobre os seres humanos e suas ações no tempo e no espaço em que vivem. É importante frisar que as atividades realizadas em nosso cotidiano, através dos gêneros, são geradas conforme com as nossas necessidades. Bakhtin distingue dois tipos de gêneros, isto é, gêneros primários e os secundários no qual afirma que estes “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída” e que àqueles “se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAKHTIN, p. 281).

Os gêneros primários são conhecidos como simples e são aqueles que resultam das situações de comunicação verbal. Eles não são elaborados; são espontâneos, são conversas entre amigos e familiares. Já os gêneros secundários são bem elaborados pois precisam constituir um enunciado mais desenvolvido, como, por exemplo, o romance, as pesquisas acadêmicas e científicas, entre outros. Para Bakhtin os gêneros secundários absorvem os gêneros primários mais simples, e que no momento os gêneros primários perdem sua correlação com a realidade existente.

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo). (BAKHTIN, 1997, p.282).

Podemos compreender, que o pensamento que Bakhtin apresenta é de que a análise dos enunciados não pode ser feita de forma incompleta. Devemos observar a interação dos sujeitos e todo o contexto que o cerca, inclusive outras possíveis vozes, considerando assim as relações com o momento histórico onde se situam as peculiaridades culturais.

Os gêneros têm seu próprio campo de existência e não pode ser substituído aleatoriamente. O que determina o uso deste ou daquele gênero são as necessidades comunicativas dos membros de uma determinada esfera da atividade social. Para Bakhtin, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são

correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p.268).

De modo geral os gêneros são muito importantes em nossa comunicação verbal, pois são através deles que moldamos a nossa fala, ouvimos a fala do outro e interagimos socialmente. Como bem afirma Bakhtin (1997, p.302) a comunicação verbal seria quase impossível, se não existissem os gêneros do discurso e se tivéssemos que construirmos seus enunciados.

7 GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

O estudo com os gêneros textuais no contexto escolar ultimamente vem sendo explorado pelos professores de maneira conceitual, pois os mesmos não aprofundam as discussões quanto a importância de se trabalhar com o gênero textual receita culinária em sala de aula, pois grande parte desses profissionais, seguem somente os livros didáticos.

Existem diversas discussões sobre como trabalhar com a leitura e escrita nas escolas. Sabemos que não é uma tarefa fácil, pois grande parte dos alunos tem dificuldades em relação a leitura e escrita de textos. Os estudos com os gêneros textuais devem ser explorados em sala de aula, pois está explícito nos PCN's que o trabalho no ensino fundamental deverá partir do texto e dos gêneros textuais:

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p. 23-24)

Marcuschi (2008) enfatiza que a proposta de adoção de gêneros textuais orais e escritos pela escola é importante tanto para a produção quanto para a compreensão textual. É necessário que os alunos sejam colocados em contato com uma grande diversidade de gêneros, levando-os a analisar e produzir eventos linguísticos nos mais diversos gêneros e a identificar as características de cada um, visto que tais atividades permitem praticar as produções linguística e,

consequentemente, possibilitam que os alunos tenham uma compreensão de textos bastante eficaz no dia a dia.

As discussões feitas por Marcuschi sobre os gêneros textuais estão diretamente ligadas ao ensino. Nesse sentido, o trabalho com o gênero é uma grande oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos do dia-a-dia. Marcuschi cita os PCN's, afirmando que ele apresenta uma ideia básica a respeito dos gêneros textuais e aponta a necessidade e importância de maior conhecimento sobre o seu funcionamento, com vistas à produção e compreensão de textos. O autor destaca também a importância do conhecimento sobre estilo e composição dos gêneros. Também define o gênero textual como textos materializados que são encontrados no cotidiano e que possuem características bem definidas para a ação social; e essas características são moldadas por sua funcionalidade, estilo e composição. Essas noções de gênero e suas definições encontramos também nos PCNs: (1998 p.49-57), os textos são conjuntos de palavras e frases que articulam a escrita sobre qualquer suporte, ou seja, qualquer gênero textual, o texto pode ser desde um conto, uma fábula ou romance, até mesmo uma lista de supermercado. A boa intenção de aproximar crianças e textos faz com que ao tentar essa aproximação elas desenvolvam a capacidade de escrever e ler os textos que eles produziram.

Os PCNs falam sobre os gêneros textuais, que vale a pena também considerar que as discussões feitas por Marcuschi, ao fazer sua abordagem que os gêneros textuais estão diretamente ligados ao ensino e que o trabalho com o gênero é uma grande oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia-a-dia. Marcuschi cita o PCN dizendo que ele apresenta uma ideia básica que o maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante para a produção e para a compreensão dos textos.

Os PCN de língua portuguesa afirmam também que o professor ao trabalhar língua portuguesa com os alunos deve proporcionar no processo de ensino e aprendizagem o conhecimento necessário para relacionar-se de maneira produtiva com outras pessoas em diversas atividades comunicativas.

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da

escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p.32).

Dessa forma quando o aluno tem contato com gêneros textuais dentro da escola, o mesmo vai associando o conhecimento que ele já possui de um determinado gênero para adquirir novo conhecimento, e assim vai criando seu próprio conceito sobre os gêneros textuais.

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula deve ser contínuo, o professor de língua portuguesa não pode trabalhar um texto apenas uma vez por semana, pois o mesmo tem a opção de trabalhar de maneira interdisciplinar, quando um tema envolve diversas disciplinas e conteúdos diversificados, assim é necessário que o professor utilize em suas aulas sequências didáticas que é um conjunto de atividades interligadas para trabalhar o gênero textual receita culinária, e assim o professor e os alunos terão diversas oportunidades de entender as características próprias da receita e levará os alunos a praticarem diferentes aspectos de leitura e escrita. Para Dolz e Schneuwly (2004), a sequência didática facilita o trabalho do professor com os gêneros textuais.

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito [...] tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa situação de comunicação [...] As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. (Dolz e Schneuwly, 2004, p82-83).

Seria importante que o professor aplicasse a sequência didática levando em conta a realidade contextual em que os alunos estão inseridos, de forma que o trabalho com o gênero textual receita pode ser mais significativo.

7.1 O Gênero *Receita Culinária*

A receita culinária é um gênero textual do tipo instrucional, que consiste na combinação de ingredientes, métodos e maneiras de como preparar um alimento. Sua estrutura é composta de título, ingrediente e modo de preparar, que são os dados essenciais ao gênero, podendo também ter outros dados como: dificuldades de execução da receita, o tempo de preparo, calorias, rendimento, entre outros.

As receitas culinárias apresentam duas etapas bem definidas, os ingredientes e o modo de preparo, sempre utilizando uma linguagem formal as quais são apresentadas na internet, revistas e livros de receitas, mas pode também se apresentar de maneira informal de acordo com a classe social, que a utilizam. A primeira etapa corresponde a lista de alimentos ou produtos, nela é estabelecida a medida e a quantidade do que será utilizado. A segunda, consiste na descrição do passo a passo, do modo como fazer. Essa etapa é possível trabalhar com a gramática pelo uso de verbos de comando no modo imperativo (misture, acrescente, mexa) ou infinitivo (misturar, juntar, acrescentar). Assim, constatamos que o tipo textual é injuntivo ou instrucional.

Geralmente uma das características desse gênero textual é a objetividade por ser direto e claro, mas ressaltamos que a sua principal finalidade é fazer com que o leitor ou cozinheiro obtenham o sucesso desejado na preparação do prato.

Vale ressaltar que a receita culinária tem seu valor sociodiscursivo e sociocultural, pois existe para ser seguido e executado na cozinha. Uma vez que os gêneros fazem parte da vida de todas as comunidades humanas existentes nas mais diversas e remotas regiões do planeta, os gêneros serão sempre o reflexo das características e hábitos próprios que cada grupo social construiu e constrói a partir de suas experiências com o ambiente físico, social e cultural do qual fazem parte. Nesse sentido, o trabalho com as receitas culinárias existentes na comunidade dos educandos, possibilita-lhes buscar informações a respeito das comidas típicas que suas famílias mais gostam de preparar, uma vez que as receitas culinárias estão muito presentes no seu cotidiano e cada família da comunidade tem uma receita, que é uma tradição que é transmitida de geração em geração.

As pessoas que mais usam receitas culinárias são os chefes de cozinha, profissionais que trabalham em restaurantes e as donas de casa. As receitas circulam em casa, na própria família, nos livros de receitas. Para fazer um bom prato ou um prato diferente é necessário que tenhamos uma receita, a qual informa os produtos e a quantidade a serem usados e o modo de fazer esse prato.

7.2 O gênero receita culinária no contexto da leitura e escrita

Durante os tempos-comunidades, em que íamos à escola do campo para realizar as pesquisas, o professor de língua portuguesa sempre frisava que os alunos não tinham o hábito de ler e que a leitura é considerada por eles muito chata e que eles não gostam de ler, a não ser para ganhar pontos. Mas, ao longo do desenvolvimento do projeto, vi o quanto estavam interessados na prática de leitura e escrita. Então, resolvi ajuda-los a desenvolver o gosto pela leitura. Desse modo, sempre que possível, eu lhes pedia que lessem suas receitas trazidas de casa para a sala de aula. O que eu pude perceber com isso é que falta estímulo do professor de língua portuguesa, pois, para justificar o fracasso do aluno no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita, é fácil culpar os próprios alunos, a família e o poder público e nada fazer para tentar solucionar o problema. Mas é necessário que o professor seja ousado ao planejar suas aulas e que não busque somente conteúdo do livro didático, pois é necessário abandonar essa prática do ensino tradicional; é necessário também que o professor compreenda a comunidade e as necessidades dos alunos de forma que contribua para uma educação de qualidade, pois é na escola que os alunos devem ter a oportunidade de vivenciar diferentes práticas de leitura e escrita.

Ler não é somente decodificar palavras. É ir muito mais além; é dar sentido ao que se lê; é também ter o conhecimento de mundo. Segundo Koch & Elias (2010, p.57),

[...] a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes.

Através desse projeto foi possível ver o quanto é importante pensar metodologias para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, para que eles tenham a garantia de exercer seu direito de cidadão na sociedade, e também serem capazes de interagir, tanto na produção, quanto na recepção dos distintos gêneros circulantes em nossa sociedade, isto é, nas inúmeras situações sociointeracionais e, assim, compreenderem o mundo em que vivem.

Vale ressaltar que, através da leitura e da escrita desenvolvidas de forma dinâmica, é possível tornar o aluno um ser mais confiante, mais alegre e, conseqüentemente, capaz de transformar seus sonhos em realidade. Para Freire

(1982, p. 21), “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

É na escola que o aluno deve ter a oportunidade de vivenciar diferentes práticas de leitura e escrita e apropriar-se de diversos gêneros textuais. Para que o aluno se torne um bom leitor é necessário que os mesmos tenham contato com diversos livros, jornais, revistas desde cedo, e também que vejam seus familiares e professores lendo também. Isso deve despertar neles a curiosidade e, posteriormente, o prazer pela leitura, pois a partir do momento em que os alunos adquirem o gosto pela leitura ela se torna fonte de novos conhecimentos e chave para a imaginação e criação. Assim, enfatizamos que os familiares e professores devem ser modelos para os alunos.

Os discentes da escola na qual desenvolvi o projeto não possuem o hábito de ler e muito menos escrever no ambiente familiar, pois seus pais não podem acompanhá-los, porque precisam trabalhar, ou até mesmo porque não sabem ler. Grande parte de informação adquirida por esses alunos é oriunda da televisão e das redes sociais, através do celular. Não são estimulados a ler livros, gibis, revistas etc. Segundo GERALDI (1997, p. 107), a leitura é um processo de interlocução em que o aluno não é um leitor passivo, mas o agente que busca significações. E nesse processo a posição do professor deve ser de um interlocutor presente.

Trabalhar com o gênero textual receita culinária nos propicia melhoria na leitura e escrita de uma maneira mais incentivadora, buscando sempre trabalhar o que os alunos gostam e que através do gênero textual podemos notar um maior desempenho na leitura e escrita dos alunos. A escola é um dos lugares de compartilhar conhecimentos e um dos objetivos mais importantes da escola é fazer com que os alunos obtenham o gosto pela leitura, pois o hábito de leitura e o saber ler e compreender o que se lê é indispensável para a vida social e cultural do aluno:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavras por palavras. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante das dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p.69-70).

É importante que o professor considere os saberes que os alunos trazem consigo, pois, as salas de aulas são compostas por vários alunos com culturas, valores, crenças e linguagens diferentes. O professor deve transformar o ambiente escolar em um ambiente diversificado onde a aprendizagem se torne significativa e as atividades, prazerosas despertando no aluno a curiosidade para aprender e a compreender o mundo, permitindo-lhe se relacionar com os outros e com o meio em vivem:

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p.22).

7.3 Receita Culinária e Sua Composição Estrutural

A receita culinária consiste na combinação de ingredientes, estabelecendo os métodos e a maneira de cozinhar, porém seu papel não se resume somente a combinar os ingredientes, pois o referido gênero surgiu com o intuito de registrar as variedades de pratos e alimentos vindos de um determinado lugar, produzidos pelas pessoas em determinadas épocas de acordo com sua origem e sua cultura.

A receita culinária também é caracterizada como um gênero instrucional, seu objetivo é de instruir por meio de etapas as ações à serem executadas com a finalidade de preparar algum alimento. De modo geral, as receitas culinárias apresentam duas etapas bem definidas: os ingredientes e o modo de preparar, ambas caracterizadas pelo uso da linguagem formal e informal dependendo do lugar em que são executadas.

Vale ressaltar que a receita culinária tem seu valor sociodiscursivo e sociocultural, uma vez que existem para ser seguido, executado e aplicado na cozinha. Dessa forma os gêneros fazem parte da cultura de uma determinada região ou comunidade histórico social, o trabalho com as receitas possibilita ao aluno levantar informações a respeito das comidas típicas de sua comunidade ou região. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as receitas agrupam-se nos tipos de textos que descrevem ações apresentando ao leitor-destinatário, instruções, portanto, elas compõem um gênero textual que está muito presente no cotidiano da sociedade e, possuem um forte apelo cultural.

Assim é relevante trabalhar primeiramente com o aluno as questões que envolvem a leitura das receitas, e depois já pode ir desenvolvendo as atividades que instiguem os alunos a participar das aulas de forma criativa na elaboração ou construção de suas receitas, já que é uma tradição que de geração em geração vem sendo repassadas. O professor pode ir trabalhando a estrutura das receitas, para não trabalhar a exploração dos verbos como também, da própria interpretação da receita, já que ela é compreendida como um gênero textual discursivo. E o professor de matemática pode trabalhar a quantidade de medidas, trabalhando assim com as questões fracionárias.

7.4 A Receita Culinária Numa Perspectiva Interdisciplinar Na Sala De Aula

A receita culinária é um gênero que está bastante presente na vida dos alunos. Por isso, os mesmos já têm um conhecimento prévio sobre esse tipo de gênero, muitas vezes não possui o domínio da leitura e interpretação adequada. A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, então é necessário que haja uma interação entre o leitor e o texto. Como afirma Geraldini que:

A leitura, por sua vez, é entendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor. O aluno leitor não é passivo, mas agente que busca significações. E nesse processo de leitura, de interlocução do aluno-leitor com o texto/autor, a posição do professor não é a de mediador do processo que dá ao aluno sua leitura do texto (GERALDINI, 2006, p.107).

Sabemos que a receita culinária é um gênero interdisciplinar, que envolvem várias disciplinas como: língua portuguesa, matemática, geografia, história, ciências e artes, assim podemos entender que as disciplinas não são independentes e que elas podem se relacionar num trabalho interdisciplinar tornando o trabalho com o gênero estudado mais atraente e mais eficaz aos alunos.

Segundo Fazenda (2002), a interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento. Nessa perspectiva, segundo a autora a interdisciplinaridade se dá na interação entre os alunos e as disciplinas. Assim os alunos e professores poderão entender que as disciplinas não são isoladas, mas que podem se relacionar em um trabalho interdisciplinar proporcionando aos professores um trabalho dinâmico e comunicativo.

A interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação, atitude, de vontade de procurar conhecer melhor as outras disciplinas. A interdisciplinaridade também pode ser compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula e cabe a comunidade escolar repensar as metodologias de ensino, buscando um processo educacional inovador e ao mesmo tempo libertador com uma adequada preparação, proporcionando aos professores novas condições de produzir uma transformação no desenvolvimento dos alunos.

No ensino interdisciplinar a responsabilidade do ensino da leitura e da escrita deixa de ser exclusiva do professor de língua portuguesa, os outros professores também são responsáveis pelo ensino da leitura e escrita. Pois se a escola, a turma, o espaço de aula são os mesmos, porque não trabalhar em parceria com os outros professores para a construção da aprendizagem do aluno? As disciplinas andam juntas uma complementando a outra quando o assunto é o processo de ensino e aprendizagem na leitura e escrita.

Sabemos que a escola é a mais importante instituição que introduz o aluno nas práticas de uso da leitura e escrita na sociedade. Desta forma o trabalho interdisciplinar além de proporcionar a interação entre professores e alunos, também contribui para um convívio em grupo, disponibilizando novas maneiras de olhar para um mesmo fato. E é nessa interação que o aluno não produz sozinho, mas em conjunto sendo mediado sempre pelo professor.

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade é importante para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito, e que tenha as disciplinas do currículo perspectivas diferentes sob um mesmo objeto de ensino.

Dessa forma podemos dizer que a interdisciplinaridade é vista como uma nova maneira de ensinar e que é possível trabalhar com o gênero receita culinária em uma perspectiva interdisciplinar, mostrando que as disciplinas por si só não conseguem o ensino como um todo, e que elas precisam se relacionar entre si com um único fim, que é o de aprimorar a capacidade do aluno em entender as diferentes áreas de conhecimentos.

Conclui-se que é possível trabalhar com o gênero textual discursivo sob uma perspectiva interdisciplinar, mostrando que as disciplinas por si só não conseguem um ensino como um todo, precisam se relacionar mutuamente na

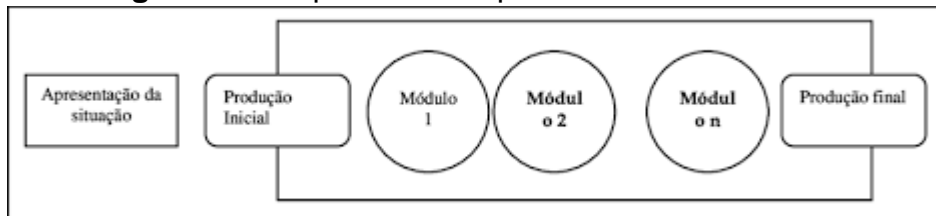
complementação de todas com um único fim comum, que é o de aprimorar a capacidade do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

8 SEQUÊNCIA DIDÁTICA – GÊNERO RECEITA CULINÁRIA

O gênero receita culinária foi trabalhado por meio de uma sequência didática, a qual é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. (Dolz, Schneuwly 2004, p. 82) E de acordo com os pensamentos dos referidos autores entendemos que a finalidade de uma sequência didática é: Ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ, SCHNEUWLY, 2004, P.83).

O esquema apresentado abaixo, proposto por Dolz, Schneuwly (2004) apresenta a estrutura de base de uma sequência didática.

Figura 03: Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz e Schneuwly, (2004)

Segundo Dolz, Schneuwly (2004) na produção inicial é necessário fazer a apresentação do gênero a ser trabalhado, de forma detalhada, oral ou escrita, que os alunos deverão realizar através da leitura e escrita, correspondente ao gênero a ser trabalhado, o qual é o gênero receitas culinárias. Com isso, o professor terá a oportunidade de verificar qual o conhecimento que os alunos já possuem sobre o gênero. Para os autores é necessário que o professor avalie a capacidade dos alunos e ajustem as atividades previstas na sequência didática, fazendo com que sejam sanadas as dificuldades encontradas pelos alunos. Definindo assim o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero a ser estudado (Dolz, Schneuwly, 2004).

A produção inicial é fundamental em uma sequência didática, pois é por meio dela que o professor terá a oportunidade de avaliar as principais dificuldades dos alunos e perceber qual o conhecimento que eles têm sobre o gênero receitas culinárias.

Depois da avaliação das dificuldades e dos conhecimentos que os alunos possuem sobre o gênero, o professor deve trabalhar com diversas atividades e exercícios que permitirão aos alunos dominarem o gênero escolhido. Estas atividades deverão ser realizadas nos módulos. Os módulos conforme o esquema acima da sequência didática, permitem ao professor observar as dificuldades e as descobertas dos alunos, pois o aluno constrói seu próprio conhecimento e interagem socialmente com os colegas por meio das atividades propostas pelo professor. Essas atividades devem ser elaboradas de acordo com as necessidades particulares dos alunos, visando assim a construção do conhecimento de cada um. (Dolz, Schneuwly, 2004).

Na produção final da sequência didática o aluno pode pôr em prática os conhecimentos que ele adquiriu e o professor tem a possibilidade de medir os progressos alcançados pelos alunos e também permite que o professor realize uma avaliação somativa (Dolz, Schneuwly, 2004).

Na sequência didática, o papel do professor é primordial, em todos os momentos. Ainda mais que é ele que pode, pelo menos em parte, definir o sentido que toma a sequência numa turma dada. Esse papel fica ainda mais difícil de definir, à medida que compreende, no ensino de oral, duas dimensões que é preciso gerenciar simultaneamente: a de criar uma situação de comunicação interessante para o aluno[...] e a de ensinar, isto é, desenvolver tão eficazmente quanto possível as capacidades de argumentação dos alunos, dando-lhes instrumentos para fazê-lo e avaliando tais capacidades. (Dolz, Schneuwly, 2004, p. 234 e 235).

Vale ressaltar que a sequência didática é muito importante, pois ela permite um direcionamento no trabalho do professor. Desta forma, o objetivo principal em utilizar uma sequência didática no ensino de um gênero, segundo Dolz e Schneuwly (2004), é possibilitar aos alunos que desenvolvam ao longo do trabalho com a sequência didática, a escrita, a oralidade, além de adquirir maior autonomia sobre o gênero estudado. Uma das etapas é a elaboração coletiva, e o professor deve acompanhar e orientar os alunos a ler, escrever e explorar diversas receitas culinárias. Dessa forma, os alunos dominarão pouco a pouco as características das receitas e também serão capazes de formular seus conhecimentos acerca do gênero estudado.

É importante que o professor utilize a sequência didática para esquematizar o conteúdo a ser trabalhado, para que os alunos realizem o estudo do gênero e apropriem-se das características do gênero textual e suas esferas de

circulação, além disso, propicia o desenvolvimento e a capacidade de leitura e escrita durante um período pré-estabelecido e, ao final desse período, produzir com autonomia o que aprendeu. Depois o professor faz uma comparação na produção inicial com a produção final, para verificar se os objetivos foram alcançados.

Depois das apresentações sobre o gênero textual, fica evidente que os gêneros textuais são muito importantes para trabalhar na sala de aula, pois eles se tornam um apoio fundamental ao professor, uma vez que os gêneros permitem que os alunos aprendam os conteúdos de forma íntegra não fragmentada e isolada, fugindo da realidade dos alunos. É necessário que os professores levem para a sala de aula propostas que possam suprir a necessidade do aluno em aprender a partir de suas vivências. Valorizando a identidade social daquele determinado grupo, construindo conhecimentos por meio das relações sociais dos alunos.

8.1 Descrição das Atividades na Aplicação da Sequência Didática (Primeiro Momento)

Quando falamos aos alunos que iríamos trabalhar com a sequência didática o gênero Receitas Culinárias com os produtos cultivados no campo os alunos fizeram várias perguntas, tais como: Quais os produtos que iríamos usar? As receitas iriam ser feitas em casa ou na escola? Quantas aulas seriam necessárias para a conclusão do trabalho?

Falamos um pouco sobre alimentação saudável, e depois das explicações sobre o tema acima citado, alguns alunos fizeram vários questionamentos e perceberam o quanto são valorizados pelas produções dos seus pais em suas terras, pois eles não utilizam agrotóxicos em suas plantações. A participação dos alunos foi muito importante, pois percebemos que esse era um tema que chamou a atenção dos mesmos.

No início fizemos um levantamento prévio dos conhecimentos que os alunos tinham em relação ao gênero textual. Este levantamento foi feito oralmente a partir das seguintes perguntas: Vocês sabem preparar algum tipo de refeição? O que vocês mais gostam de comer? Vocês já viram alguém preparando um bolo de macaxeira ou um almoço? O que precisa para fazer um bolo de macaxeira? A partir das repostas dos alunos vimos que alguns alunos já tinham conhecimentos sobre a

receita culinária, já tinham visto a preparação de um bolo de macaxeira, e quando perguntei sobre os ingredientes que eram necessários alguns alunos responderam que era preciso a macaxeira, o leite e os ovos. E quanto ao preparo uma aluna respondeu que era necessário ralar ou passar no liquidificador a macaxeira, depois colocar o leite e os ovos e bater bem e depois colocar em uma forma untada e um aluno disse que por último colocar no forno e esperar assar. Perguntei a eles se almoçam fora de casa no final de semana, feriados ou datas especiais? Alguns alunos disseram que não, só quando vão visitar os parentes e amigos e lá eles almoçam.

Com a metodologia aplicada mostramos que é possível trabalhar com um único gênero, a importância do gênero *receita culinária* e as contribuições que ele pode dar para um ensino aprendizagem eficaz, numa perspectiva interdisciplinar envolvendo também toda a comunidade escolar.

Os conhecimentos que os alunos já tinham em relação ao gênero foi possível elaborar as atividades propostas, pois percebemos que o gênero textual estava presente no cotidiano dos alunos e que através do gênero textual receitas culinárias seria possível trabalhar de forma lúdica fazendo com que os alunos interagissem uns com os outros. Depois de apresentar a proposta disse a eles que eles iriam fazer uma receita de bolo e que eles pesquisassem em livros, revistas, na internet ou até mesmo com os seus familiares, falamos também da importância e cuidados de higiene que devemos ter ao comer ou preparar um alimento e dos cuidados que devemos ter ao manusear os eletrodomésticos inclusive o fogão.

Em sala de aula foram realizadas leituras de receitas com produtos cultivados no campo. Cada um queria ler as suas receitas e também a dos colegas, alguns alunos copiaram as receitas dos colegas para levar para suas mães fazerem, alguns alunos comentaram que alguns produtos eles tinham em casa e que muitas vezes davam aos porcos por não terem conhecimentos das receitas. E assim todos ficaram alegres com o trabalho.

Imagem 04: Aluna do 6º ano lendo receita culinária



Fonte: *Arquivo pessoal*

Quanto ao que é gênero apresentou algumas dificuldades, mas depois de várias explicações e exemplos eles entenderam. Depois das informações dadas, solicitamos que eles trouxessem de casa uma receita culinária que tivesse nos ingredientes algum produto cultivado no campo. Essa atividade será comparada com a produção final, para verificarmos se realmente os alunos aprenderam.

No segundo momento, foi realizada uma visita a uma pequena plantação de macaxeira próximo a escola. Ao chegarmos no terreno percebemos que havia outros plantios além da macaxeira que também serviam como alimento, que eram a abóbora, goiaba, caju, couve e mamão. Os alunos que não tinham o conhecimento da produção da abóbora, perguntou ao dono da plantação, se cada flor era uma abóbora que nascia e o senhor respondeu que não, que muitas vezes um pé de abóbora dá muitas e muitas flores mais muito poucas que vai dar abóbora, foi um passeio muito produtivo e os alunos gostaram do que viram. Depois voltamos para a sala de aula e o professor aproveitou a empolgação dos alunos para distribuir um

texto informativo sobre a abóbora e um texto sobre a origem da macaxeira, como ela é conhecida e produtos derivados.

Imagem 05: Pequena plantação de abóbora próximo a escola.



Fonte: *Arquivo pessoal*

No terceiro momento o professor de ciências levou para a sala de aula um texto “Importância dos alimentos e alimentação saudável” distribuiu algumas xerox para que os alunos fizessem a leitura, e depois da leitura surgiram alguns questionamentos do texto e os alunos fazendo com que eles interagissem com perguntas e compreendessem a importância dos alimentos para o nosso organismo. Pedi aos alunos que produzissem receitas de amor, de amizade, ou seja receitas para uma vida melhor essa atividade foi escolhida porque entendemos que a retextualização no ensino dos gêneros tem o papel de extrema importância. No final da aula de ciências o professor solicitou aos alunos que trouxessem pão, leite, queijo, tomate maduro e cebola para fazer uma “Pizza Falsa” do menino Maluquinho.

Imagem 06: Receita da felicidade



Fonte: Arquivo pessoal

No quarto momento fomos para a elaboração da “Pizza Falsa”, que foi um momento muito prazeroso, pois eles ficaram atentos na execução da receita e ansiosos para degustar. Foi um momento ímpar tanto para os alunos quanto para mim enquanto professora e estudante da educação do campo. Depois da pizza pronta, o professor de matemática dividiu-a em 20 pedaços e depois começou a fazer perguntas sobre em quantas partes a pizza foi dividida e um aluno contou e deu a resposta que foram 20 pedaços. O professor ofertou 5 pedaços a 5 alunos e perguntou quantos pedaços havia na forma e uma menina respondeu que havia 15. Depois serviu mais 7 pedaços e perguntou quantos pedaços ainda tinha na forma e dois alunos responderam 8. Por último o professor solicitou que eles fizessem as frações em uma folha de papel, pois segundo o professor, ele já tinha dado essa aula e que era somente uma revisão. O professor achou interessante a aula, pois percebeu que quem mais participou foram aqueles alunos que não faziam nada em sala de aula e ele ainda acrescentou que iria mudar a forma de dar aula, que ao invés de utilizar somente o livro didático, pincel e quadro que agora passaria a dar aulas práticas, relacionando ao assunto que iria trabalhar. Depois, as serventes serviram o suco de goiaba para os alunos e o restante da pizza que havia sobrado na forma. Após o lanche, solicitei aos alunos que trouxessem no dia seguinte os

ingredientes para fazermos um bolo de macaxeira para eles merendarem no horário do recreio.

Imagem 07: Alunos preparando a pizza falsa



Fonte: *Arquivo pessoal*

Imagem 08: Pizza falsa pronta para degustar



Fonte: *Arquivo pessoal*

No quinto momento, fomos para a prática: os alunos trouxeram os ingredientes do bolo de macaxeira e algumas alunas foram para a cozinha executar

a receita juntamente com as serventes da escola. Os alunos amaram participar desse momento de execução da receita. Depois do bolo pronto as serventes serviram o bolo de macaxeira aos alunos acompanhados de um saboroso suco de cajá. E depois o professor de matemática falou sobre as medidas que foram usadas na receita do bolo de macaxeira e que essas medidas também podem ser utilizadas em outras receitas.

Imagem 09: Alunos descascando macaxeira



Fonte: *Arquivo pessoal*

No sexto momento, pedi aos alunos que transformassem as receitas pesquisadas em pratos prontos para a degustação que iria acontecer no dia 16 de abril no horário da manhã com um café literário com apresentação das receitas escritas e também receitas em forma de poema e que eles iriam ler as suas produções no dia do café literário.

Finalizamos o projeto com as produções a degustação das receitas que os alunos se dispuseram a levar. Esse projeto foi muito significativo, pois todos os alunos se empenharam juntamente com todos os funcionários da escola.

Imagem 10: Chuvas das receitas que os alunos trouxeram de casa



Fonte: *Arquivo pessoal*

Imagem 11: Pratos prontos para a culminância



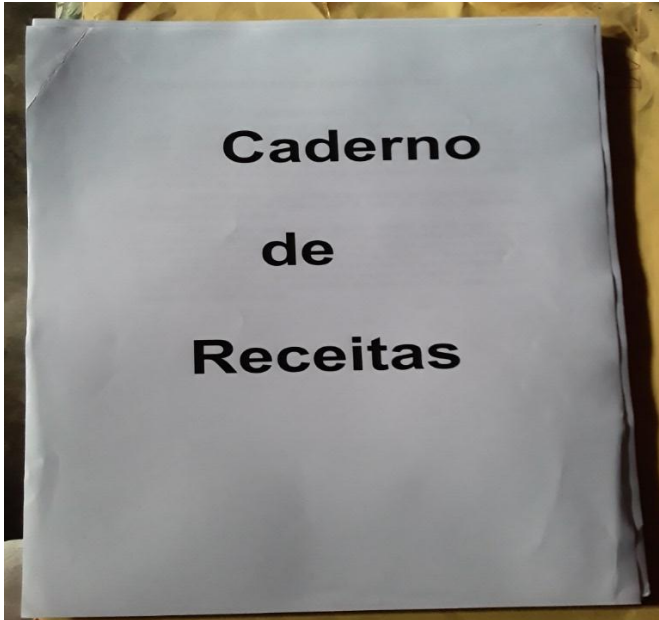
Fonte: *Arquivo pessoal*

A relação entre a escola, a leitura, a escrita e a vida dos estudantes pode ser bastante significativa se não distanciarmos os alunos do meio em que vivem. A melhor coisa que devemos fazer para os alunos é criar espaço na sala de

aula para conversar, para manusear vários materiais escritos, para que os mesmos se tornem íntimos a diversos tipos de textos que circulam na sociedade.

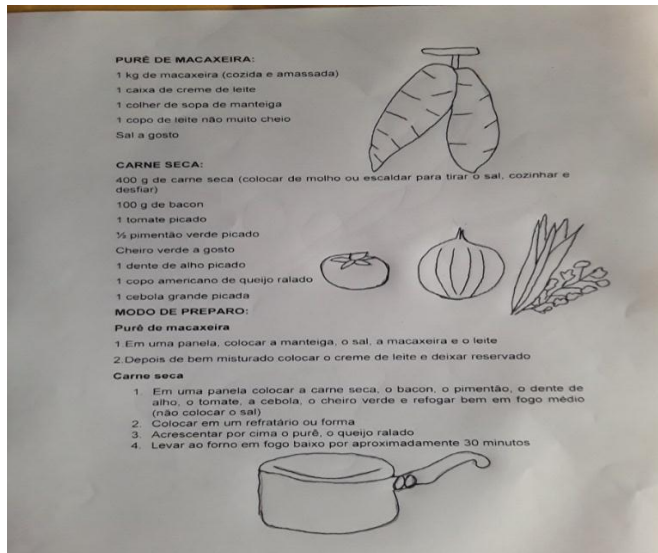
Todas as receitas foram organizadas para a confecção de um caderno de receitas que foi exposto a comunidade escolar e aos pais dos alunos.

Imagem 12: Caderno de receitas



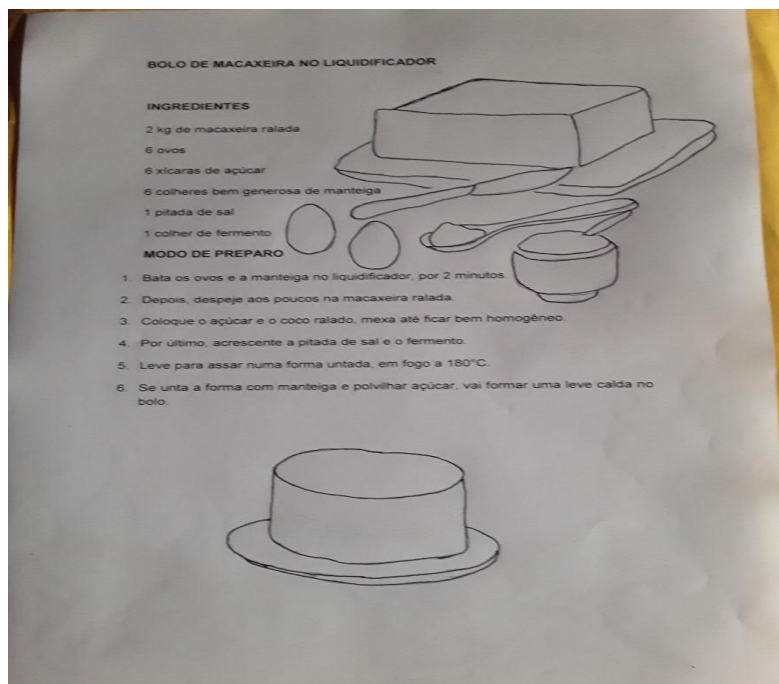
Fonte: *Arquivo pessoal*

Imagem 13: Receita purê de macaxeira



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 14: Receita bolo de macaxeira



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 15: Culminância do projeto



Fonte: *Arquivo pessoal*

Desse modo, o projeto foi distribuído da seguinte forma: eu e o professor de língua portuguesa apresentamos um trabalho com os conteúdos da grade curricular de sua área, ou seja, gramática, produção textual, leitura e literatura. Utilizamos a receita culinária no ensino da gramática, trabalhando os verbos no modo imperativo e na produção textual trabalhamos as competências e habilidades para a produção de textos a partir da interpretação das receitas que os alunos trouxeram de casa e da leitura das mesmas. Quanto à literatura, trabalhamos com as produções de poemas partindo da elaboração e interpretação das receitas culinárias que é o que Marcuschi (2008, p.163) chama de intergenericidade.

Na disciplina de língua portuguesa atentamo-nos apenas à gramática e literatura, entendemos ser isso suficiente para atender aos nossos objetivos, porque na verdade o objetivo maior é a leitura e escrita das receitas. Os professores titulares da turma iriam desenvolver outros aspectos referentes a escrita através das produções textuais dos alunos. Dando continuidade à sequência didática com disciplina de matemática, trabalhamos as quatro operações utilizando-as nas questões com frações e operações mostrando assim a quantidade de medidas na

elaboração das receitas culinárias. O professor de ciências explicou sobre os nutrientes dos alimentos presentes nas receitas e os alimentos produzidos na comunidade. Relatou também sobre a importância de uma boa alimentação e ainda frisou que as receitas passam de geração em geração entre as famílias, principalmente entre as mulheres. Ainda falou sobre a expansão e comercialização das receitas culinárias.

O professor de geografia falou sobre os alimentos produzidos na comunidade: milho, macaxeira, abóbora etc. e ainda falou os alimentos que podemos fazer com os ingredientes citados. Em história, o professor falou sobre a cultura do lugar através dos hábitos alimentares da comunidade por último a professora de artes pediu aos alunos que elaborassem desenhos para ilustrar o caderno de receitas de cada um deles.

Com a metodologia aplicada mostramos que é possível trabalhar com um único gênero a importância do gênero *receita culinária* e as contribuições que ele pode dar para um ensino aprendizagem eficaz, numa perspectiva interdisciplinar envolvendo também toda a comunidade escolar.

9 ANÁLISES E DISCUSSÕES

O principal objetivo deste capítulo é apresentar as análises e discussões obtidos durante a realização deste trabalho, contextualizando todo o desenvolvimento do projeto na sala de aula juntamente com as demais disciplinas da grade curricular do ensino fundamental II na escola Boa Esperança, incluindo a troca de experiências entre professores e alunos e também entre as disciplinas, seguindo uma perspectiva interdisciplinar, que serviu de base para o desenvolvimento deste trabalho.

Neste projeto, buscou-se mostrar as contribuições do gênero *receita culinária* no contexto interdisciplinar, vivenciado em outras experiências em sala de aula em um determinado período de tempo, através de um projeto realizado na referida escola, com o intuito de tornar possível o aprendizado coletivo a partir de um determinado gênero textual, envolvendo outras áreas do conhecimento, tendo em vista que como que os gêneros são esferas dinâmicas que circulam nos meios sociais e, portanto, são comunicacionais e agem dentro e fora da escola Bakhtin (1997).

Quanto ao gênero *receita culinária*, há vários questionamentos, como: porque estudar o gênero? Para que serve? Qual a sua finalidade na escola? Quais as contribuições para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos? São perguntas como essas que fazem com que os professores reflitam sobre a importância que os gêneros textuais têm, e também conhecer e perceber as características do gênero receita culinária e suas contribuições para o ensino da leitura e escrita.

Para que tivéssemos êxito no trabalho com o gênero textual receita culinária, utilizamos a sequência didática (Dolz, Schneuwly, 2004) que tem como finalidade auxiliar o aluno a dominar as especificidades de um gênero textual, permitindo que o mesmo escreva, leia de forma mais adequada para se comunicar, pois a sequência didática é um conjunto de atividades escolares que são organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito.

Para que os alunos compreendam melhor o conteúdo em estudo os pesquisadores Dolz e Schneuwly, 2004, p. 83 ressaltam que:

[...] uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

A intervenção feita na sala de aula não se limita apenas em trabalhar leitura e escrita, mas fazer com que os alunos interajam com o mundo que os cercam, tornando-os cidadãos conscientes, porque não basta apenas saber ler e escrever, é necessário saber fazer uso da leitura e escrita, sem a leitura e escrita o homem deixa de se comunicar com os seus amigos e familiares.

É possível afirmar que todo o trabalho com o gênero foi muito significativo tanto no processo de leitura quanto de escrita dos alunos. Contribuiu também para que os alunos compreendessem a importância, estrutura que a receita tem no cotidiano dos alunos, além da reflexão e melhoria na alimentação. Percebemos que ao aproximar as práticas escolares a realidade dos alunos, dão sentidos a aprendizagem favorecendo a construção do conhecimento do aluno.

Trabalhar com o gênero receita na escola para melhorar a leitura e escrita de uma maneira incentivadora sempre buscando trabalhar o que os alunos gostam, e através do gênero textual notamos um impressionante desenvolvimento na leitura e escrita dos alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental.

Devemos lembrar que a luta pela melhoria da leitura e escrita, não deve ser somente da escola, mas deve ser fortalecida pela luta e participação de todos escola, comunidade, pais e alunos.

9.1 Desenvolvimento do projeto

O trabalho com o gênero textual receita culinária aconteceu no 1º bimestre, com uma turma multisseriada do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, na Escola Boa Esperança, vicinal 43, município de São Domingos do Araguaia durante as pesquisas de campo, a partir da observação e intervenção na sala de aula. A referida escola está situada na zona rural do referido município, sua estrutura física é regular, contando com 02 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretarias, 01 cozinha e 02 banheiros e um total de 15 funcionários entre professores, diretor e pessoal de apoio.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi necessário um planejamento e uma sequência didática com o intuito de utilizar o gênero textual receita culinária nas

atividades escolares, com uma perspectiva interdisciplinar, de modo que os professores desta referida turma e suas disciplinas se envolvam para avaliarmos as contribuições deste trabalho dentro da sala de aula.

Foi desenvolvida uma sequência de atividades que não se resumisse apenas a disciplina de língua portuguesa, mas que se entendessem as demais áreas de conhecimento, promovendo a interação entre as disciplinas.

Sabemos que são muitas as dificuldades dos alunos em ler e escrever e também em compreender os textos, e sabemos que é papel da escola tornar esses alunos capazes de ler, escrever e interpretar o que leem, não é responsabilidade somente do professor de língua portuguesa, mas de todos os professores, eles são responsáveis pelo sucesso e insucessos que acompanham a formação dos alunos.

O gênero receita culinária foi escolhido não pelo fato dos outros gêneros textuais não poderem ser trabalhados aplicando a interdisciplinaridade, mas pelo fato do gênero receita ser rico no sentido de disponibilizar diversas alternativas de atividades para o trabalho com produtos que a comunidade disponibiliza em suas terras. E dessa forma foram selecionadas uma atividade para cada um dos professores das disciplinas das áreas de conhecimento para que ao final das atividades possam fazer uma culminância para que os alunos mostrem os trabalhos desenvolvidos em sala de aula.

De modo geral, o trabalho com os gêneros textuais só será possível em sala de aula e nas mais diversas esferas de conhecimento, desde que seja bem planejado para ser aplicado e que tenha como base fundamental, a aquisição de conhecimentos nos conteúdos que lhes são abordados, e sempre trabalhando com metodologias condizentes com a realidade dos alunos.

Vale ressaltar que na escola, os gêneros textuais não são somente ferramentas de comunicação, mas também objeto de estudo, pois todo gênero textual tem a sua funcionalidade no dia a dia e na sala de aula eles são recursos linguísticos que o professor e os alunos devem explorar, com o gênero textual podemos trabalhar a leitura e escrita de textos e ainda nos possibilita a trabalhar a leitura de mundo.

Assim o gênero textual receita culinária se apresenta como um gênero interdisciplinar envolvendo várias disciplinas, que são elas: língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências e artes, contribuindo de modo relevante

para o despertar do interesse do aluno pela disciplina. Além do mais sabemos que o aluno adentra em uma sala de aula traz consigo conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação pessoal, e devido esses textos estarem presentes em seu cotidiano, poderão interpretá-los melhor e interagir de forma eficaz nas diversas situações comunicativas.

Trabalhar com o gênero receita na sala de aula em uma linha interdisciplinar proporciona aos alunos um compartilhamento de práticas de aprendizagem, com as atividades voltadas para o seu meio social baseados em práticas que regem as orientações presentes no ensino visando os conhecimentos que os alunos possuem acerca do gênero estudado.

As aulas foram organizadas de forma que todos os alunos pudessem participar da leitura e escrita das receitas que eles trouxeram.

Durante as aulas, eu falava sobre as definições do gênero trabalhado e o contexto social em que esse gênero está inserido e juntamente com os alunos liamos as receitas e conversávamos sobre as mesmas e dava oportunidade para que os alunos também fizessem suas considerações sobre as mesmas, suas características e contexto social desse gênero. Depois de tudo exposto percebi que o aluno precisa ser protagonista no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, para que ele seja o protagonista o professor tem que trabalhar de acordo com os conhecimentos que os alunos trazem sobre a leitura e escrita pois com isso possibilita a assimilação do que o aluno está estudando. FREIRE afirma:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2001. p. 52).

Como afirma o autor é necessário levar em consideração as curiosidades e inquietações dos alunos, por isso o gênero estudado partiu do interesse dos alunos e de toda comunidade escolar, pois sabemos que esse gênero textual é muito presente em nossas vidas.

O gênero textual receita culinária foi escolhido para trabalhar na referida escola em busca de melhoria na leitura e escrita, incentivando os alunos a buscarem trabalhar o gênero de acordo com o seu cotidiano.

As atividades elaboradas foram bem executadas e os alunos não tiveram muitas dificuldades em desenvolver. A produção final do trabalho foi a parte que os alunos mais se envolveram, a confecção do caderno de receitas de bolos e sucos.

Durante a pesquisa-ação pude contar com o apoio da escola e dos professores, cada etapa desenvolvida fora fundamental pois os alunos foram prestativos aos conteúdos, e os resultados positivos puderam ser notados a cada tarefa desenvolvida por eles.

Com o desenvolvimento desse trabalho pude observar que os alunos ao participarem de atividades diferenciadas ficam mais participativos nas aulas e apresentam seus trabalhos com orgulho.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades que realizei durante a pesquisa-ação na escola Boa Esperança foram bastante produtivas para os alunos e para mim enquanto discente da educação do campo e docente da rede municipal de São Domingos do Araguaia, foi possível perceber que a experiência com o estudo do gênero receita culinária, fez com que os alunos tivessem contato com textos do seu cotidiano, a partir do gênero estudado é possível fazer uma contextualização do vivido e o estudado. Para o desenvolvimento da leitura e escrita cabe ao professor, como mediador do conhecimento desenvolver metodologias para enriquecer o seu trabalho que é direcionado para a formação de leitores e escritores.

O estudo com o gênero oportunizou aos alunos trazerem seus conhecimentos já adquiridos no seu meio social, para que por meio da leitura, da escrita e da prática aconteça uma aprendizagem significativa e que sejam capazes de construir e buscar seus direitos enquanto cidadãos do campo. O interesse e a determinação por parte dos alunos que realizaram as atividades com gosto e espontaneidade, nos levou a conclusão que nunca é tarde para mudar e que devemos estar abertos as mudanças e devemos buscar também uma educação que considera o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como objeto, e que a forma como eles vive sua

realidade e a forma de enxergar e ler o mundo precisam ser considerados para que a aprendizagem se realize de forma que todos possam aprender.

Acreditamos que as atividades desenvolvidas na sequência didática, com uma proposta de leitura e escrita com o gênero receita culinária, trouxeram contribuições significativas para alcançarmos os nossos objetivos.

Foi possível concluir que o gênero receita culinária é capaz de desenvolver o gosto pela leitura e da escrita de forma agradável, pois cria condições para que o aluno possa ampliar sua visão de mundo e compreenda a sua realidade, relacionando as ações e atitudes presentes nas receitas como específicas ao ser humano.

Mediante as discussões sobre a leitura e escrita abordadas nesse trabalho, espera-se que elas possam contribuir de alguma forma para os professores de língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências e artes para que incrementem suas aulas e entendam que sua atuação em sala de aula é o resultado da metodologia utilizada.

Cabe aos professores estar sempre atentos ao compromisso de formar cidadãos críticos e conscientes, por meio do trabalho com os gêneros para a concretização da leitura e escrita.

Chegamos até aqui com uma certeza de que apesar do progresso dos alunos na leitura e a escrita, não podemos dizer que o trabalho foi concluído e que não há mais nada a ser feito, pois como sabemos o processo de ensino-aprendizagem é contínuo e requer esforço por parte dos professores que almejam formar cidadãos críticos e transformadores de sua realidade social.

Por fim podemos afirmar que o professor deve adotar metodologias de ensino no que se refere ao trabalho com gêneros textuais. Vale ressaltar a importância dos professores vivenciarem situações de ensino-aprendizagem diversificadas, que possam contribuir para um ensino mais produtivo e eficaz.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAZENDA, I. C. A. A Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4. Ed. Campinas: Papyrus, 1994, São Paulo.

FAZENDA. I.C.A. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo, Loyola 2002.

FREIRE, Paulo, A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Cortes, 1982.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. Editora Ática, São Paulo, 1997.

Google: Esquema de Sequência Didática, Fonte Dolz e Schneuwly, 2004.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. Ler e compreender os sentidos do texto. Editora Contexto, São Paulo, 2010.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. Ler e escrever: Estratégias de produção de textual. Editora Contexto, São Paulo, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; Machado, A. R, BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) Gêneros Textuais e ensino 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

SANTOS, Maria Ionete da Silva, trabalho socioeducacional, 1º tempo comunidade, 2015

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1986

ANEXOS 1

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA 03

DATA: 22-03-2015

LOCAL: casa do entrevistado

NOME: Luiz Pereira da Silva **IDADE:**64 anos

ONDE MORA:Em São Domingos do Araguaia

NATURAL DE: Barra do Corda no maranhão **ESCOLARIDADE:**Analfabeto

TRABALHO QUE DESENVOLVE: Trabalha com horta

ENTREVISTA REALIZADA POR:Maria Ionete da Silva Santos

DURAÇÃO DA ENTREVISTA:1:40 min.

IONETE:Qual seu nome?

LUIZ:Luiz Pereira da Silva

IONETE:Onde nasceu?

LUIZ:Barra do corda maranhão

IONETE:Em que ano?

LUIZ:Em 1951

IONETE: O senhor sabe como era a vida dos seus pais quando o senhor nasceu?

LUIZ:Rapaz quando eu nasci, eu não conheci pai e nem mãe, foi no poder de uma vó, e quando eu já tava rapaizim 20 e poucos 19 anos comecei a saber notícias deles aqui no Pará, aí quando foi em 72, começou a guerra aqui aí um rapaz foi para o maranhão, e lá me contou que conhecia meu pai aí eu vim.

IONETE: De onde são seus pais?

LUIZ:Meus pais é, meu pai é do Piauí.

IONETE:Sua mãe?

LUIZ:Do maranhão.

IONETE:O senhor sabe como é que eles se conheceram?

LUIZ:Rapaz, meu pai e minha mãe?

IONETE:Hum?

LUIZ:Rapaz, quando vieram do Piauí eles moravam, foram morar perto dos parentes da minha mãe, aí lá se encontraram e pegou naquele tempo fazia era um tal de roubo, roubou ela e casaram, viveram, tiveram 8 fie, ele teve uma consequência lá de briga, aí foi preciso ele desaparecer, ela ficou grávida de mim e aí quando eu nasci já não conheci o pai, mais quando foi no tempo da guerrilha um rapaz descobriu que ele morava no Pará, aí eu vim pra cá aí achei ele, achei minha mãe, tudo aqui em São Domingos, pra mim foi uma felicidade, é até hoje, ele tá vivo com 99 anos vai fazer 100 anos agora dia 18 de julho e minha mãe é falecida.

IONETE:Falecida quantos anos?

LUIZ:Sim, 7 anos. Aí começou essa invasão do Cuxiú, aí nois entremo nesse Cuxiú, lá eu e um irmão meu e lutemo muito pra conseguir uma terra, ali mais briga e mais briga e mais pistoleiro, e aquela consequência né, até que conseguimos vencer a briga com os pistoleiros, com os fazendeiros, e conquistemo a terra. O governo deu os direitos pra nois, o INCRA foi lá midiu, moremo bastante tempo lá, e já tinha filhos e estudaram lá até a 4ª série, morava na vicinal 42 Cuxiú Paulo Fontele e quando chegou a época da 5ª série, não tinha aí nois passemos a vender a terra e morar na cidade.

IONETE:Por que o senhor migrou do maranhão para o Pará?

LUIZ:A procura primeiramente... a procura dos meus pais, a dispois, topei muitas consequência no Pará que foi a guerra que foi a pior, aí dispois até qui me parece que eu nasci nos braços do sofrimento, porque é triste a situação, quantos amigos que eu vi morrer e outros que não era parente, morrer na conquista da terra.

IONETE:Por que ela tem esse nome Paulo Fonteles?

LUIZ:Porque o Paulo Fonteles, era um deputado ele e Ademir Andrade, através do governo Jader Barbalho, e na briga da terra conseguiu se eleger e prometeu a nois que ia defender nossos direitos, de fato ele cumpriu com o que ele prometeu, e

Paulo Fonteles ficou naquela briga, e quem tem dinheiro fala mais alto, e conseguiram matar ele, não sabe? Não foi na nossa área, aí por ele ter sofrido tanto em defesa da pobreza aí nois coloquemo esse nome lá.

IONETE: Como é que as pessoas conseguiam se comunicar assim, tinham que sair lá de dentro?

LUIZ: Pra sair lá de dentro agente vinha aqui pra rua escondido, porque agente andava mais a noite com medo dos pistoleiro, só andava mais por dentro do mato, de que por as varedas que não tinha estrada na época, era mulher dormindo no buraco de castanheira com as crianças, cozinhando no meio do mato, dormia hoje aqui, amanhã dormia em outro lugar e era assim, fazia trincheira pra defender aquelas mães de família que tinha um horror de criança, nem trabalhar nois podia.

Teve uma época que nois não trabalhava mais, não sabia se matava nem se morria, porque o governo que tava na época exercendo, tinha muita raiva de posseiro e o que sobrava pra nois era só castigo, era só cadeia, prendia tinha dia que prendia de 20 pessoas, dia que de 10, aí ia pra Marabá lá com muita luta esse Paulo Fonteles como deputado conseguia advogado tirava, e através disso ele pegou aquela fama de bonzão, aí nego quando fica com raiva ninguém sabe quem matou ele, sei que tiraram ele, desocupou o mundo né, e foi uma grande crueldade porque quem trabalha em defesa dos mais fraco acostuma ser executado.

O sindicato? fundemo um sindicato não podia falar que lá tinha sindicato, mais porque cassavam quem era o sindicalista, delegado matavam é presidente do sindicato tinha no São João, mais ele até se escondeu não podia mais defender nois, aí fiquemo sofrendo com esse sindicato lá dentro, até que conseguimos fundar esse sindicato, começemo ele com 15 membro e foi aumentando o povo, foi criando coragem de chegar ser sócio do sindicato, e conseguimos muita coisa através do sindicato, nois fundemo e asseguemo ele é reconhecido no Brasil inteiro, a história do Cuxiú até na curva se você procurar lá tem, porque toda região aqui teve invasão, mais da história ficou esse Cuxiú que hoje é um grande PA, hoje colono quase todos já venderam as terras mais os que tão lá dentro tão produzindo muito, mais porque o

governo hoje já tá ajudando, naquele tempo, o governo não ajudava porque o governo nunca deu oportunidade de gente pobre crescer, mais os que compraram as terras, já tinham um dinheiro mais ajuntado, aí começaram a produzir muito leite, outro produz carne, produzem esse leite é uma ajuda grande hoje, pra cidade que a gente mora espero que melhore mais né.

IONETE:Mais nessa época tinha escola?

LUIZ:Rapaz, criemo uma lá dentro barracãozão de palha, tampada de lasca de pau, arrumemo uma professora por nome Morena e coloquemo lá dentro, e ela saiu de lá caduca, deu aula lá quase trinta anos, que deu aula lá dentro.

IONETE:E o senhor foi casado com quem?

LUIZ:Eu caseicom uma mulher por nome de Dalvina Rodrigues de Lima, moremo 28 anos, separemo, hoje somo divorciado eu moro só e ela mora só.

IONETE: Tiveram filhos?

LUIZ:Tivemo 5 filhos

IONETE: *Lá tinha escola pra eles estudarem?*

LUIZ:Tinha essa escola lá que chegou a estudar nesse colégio a 4^{oa} série, ela também era merendeira lá no colégio, na 5^a série aí ela convidou pra nois vender a terra, pra vim pra cidade que na época não tinha.

IONETE:E o senhor estudou?

LUIZ:Não, não estudei, aprendi assinar o nome depois de vei.

IONETE:E como era a educação deles lá? Lá dentro do PA?

LUIZ:Muito bom, muito bom demais graças a Deus, hoje quem exerce nesse mesmo colégio, lá é uma cunhada minha, apelido de Sinhá mais o nome é Maria Antonia, ela ainda dá aula lá cunhada minha.

IONETE: Como era lá o PA quando o senhor chegou lá?

LUIZ:Vixe nois chegemo lá era só mata bruta só matão brabo mesmo, aí não tinha estrada, não tinha nada, aí era tudo com o paneiro nas costas cortando e caçando lugar que tinha água pra poder acampar. Deis que acampemo com 2 anos e que

miorô, mais já tinha muita estrada feita já a facção, a machado toda feita de facção, tocaria pra andar muntado. Depois nois conseguimos uma máquina, com 2 anos uns 3 anos fez 5 Km de estrada, aí através de briga de político ai tiraram as maquinas e nunca mais entrou uma máquina lá dentro, aí com muito tempo é que conseguimos, vendendo as madeira para os madeireiros e pagando dando as madeira tá fazendo estrada.

IONETE:O senhor lembra quando chegou energia lá?

LUIZ:Lembro iiiiii foi a maio confusão a energia quando chegou lá, porque teve o pessoal que no início que tava lá dentro, tudo era gente boa, aí começou a aparecer pessoas que se beneficiava através de nois, e aí se sentiu poderoso porque deram cargo a prefeitura aqui de São Domingos pra eles, aí chegou lá e botava banca, botar energia em lugar fulano, lugar fulano até que se revoltemo uma vez e paremo o serviço, você leva os seus fio de volta, que é do governo mais é você é que manda mais no PA, quem manda é nois. O governo deu o direito pra nois lá dentro que quem mandava lá era nois mesmo, lá não tinha negócio que a polícia ia lá, só a polícia ia lá se nois autorizasse pra ir buscar quem fazia dano, lá nois mesmo prendia e trazia e entregava pra polícia, porque nois não confiava mais se era polícia que ia lá ou era pistoleiro.

IONETE:Só era pistoleiro?

LUIZ:É, então foi uma vivencia foi muito boa de vários, já com muitos anos amiorou bastante, mais 8 anos lá foi de sofrimento, sofremo muito, e teve gente que desistiu depois da terra já quase ganha, porque o INCRA é o último que chega na terra, é o último que chega porque ele só vem quando mata os pais de família, tá vendo, é que eles vem, eles não vem antes das famílias morrer.

IONETE:O senhor sabe quem foi os primeiros moradores lá, que ficou mesmo la, lá dentro?

LUIZ:Os ultimo?

IONETE:Os primeiros moradores, os primeiros que chegaram lá que moraram?

LUIZ:Há nois era uns centitanto morador, que chegemo invadimo a terra, centitantas pessoas era mais de cem, na média de uns 20 dia já tinha mais de 300 famia lá dentro, com uns 20 dias que nois invadimo.

IONETE:Voces tinham associação de moradores? Sindicato?

LUIZ:Não, era sindicato.

IONETE:Só sindicato?

LUIZ:Fundemo um sindicato, fundemo o sindicato e ninguém queria mexer com sindicato com medo de morrer, e nois era obrigado porque se não fundasse um sindicato nois não tinha apoio em lugar nenhum. Fui pra Brasília cheguei lá nois que tinha fundado, o sindicato era novo tava com poucos dias, foi ai cheguei em Brasília mais o Vicente Bueiro aí fizeram uma reunião com o sindicato do Brasi, sindicalistas dos estados tinha que ir, menos do Pará não foi ninguém, não foi o delegado e nesse tempo o delegado era o cumpade Chico Basílio aí no 1º tiroteio que teve lá ele se assombrou ficou louco perdeu o juízo, cumpade Basílio ali.

Aí eu fui mais o Vicente, nois vamo é só nois que tem que ir não tem outros, aí chegemo lá na reunião em Brasília, aí tivemo um grande apoio quando chegemo, a CNBB recebeu nois que é a Convenção Nacional dos Bispos do Brasil, que nos recebeu lá em Brasília, deu um grande apoio. Lá passemos 14 dias, bastante reunião do INCRA, GEBAN, GETAT e não tivemo apoio porque naquele tempo só tinha direito quem tinha terra mesmo, invasor até hoje não tem direito de nada, ganha as coisas na marra, ganha quer dizer que nois tava conquistando uma coisa que era nossa, porque lá não tinha documento, não tinha nada, hoje que ela tem documento que ela é cortada em lote né, mais antes não, aí que sindicato lá procurou se tinha ciente do Pará aí só apresentamo nois mesmo, lá um advogado que andava com nois apresentou nois lá, olha do Pará só tem esses dois rapaz aqui, eles são apenas um só, porque nois ocupemo uma área que nois não temo proteção das autoridades do Pará, e viemo procurar em Brasília, porque o único destino da gente é aqui em Brasília, saber se a gente tem direito ou não tem, muito é alongar as coisas, porque apesar de nois ser invasor e a gente não tem muito direito né, não tem como instigar muita coisa, aí queria saber deles se nois tinha direito nas propriedade da terra, se a gente tem os direitos mais só que pra gente se adquirir

esses direitos tem que morrer muita gente, quando morre muita gente é que o INCRA chega lá.

IONETE:O senhor vendeu lá e veio para São Domingos pra cidade né pra colocar os filhos pra estudar?

LUIZ:Colocar os filhos pra estudar.

IONETE:Mas do que o senhor vive hoje? (Conversas de vizinho).

LUIZ:De uma pequena horta que tem no meu quintal e uma aposentadoria.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA 04

DATA: 23-04-2015 **LOCAL:**na casa da entrevistada

NOME: Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira **IDADE:**58 anos

ONDE MORA:Em São Domingos do Araguaia

NATURAL DE: Marabá-PÁ **ESCOLARIDADE:**1º grau completo

TRABALHO QUE DESENVOLVE:agricultura e é professora aposentada

ENTREVISTA REALIZADA POR:Maria Ionete da Silva Santos

DURAÇÃO DA ENTREVISTA:1:50 min.

IONETE:Qual seu nome completo?

CM:Cledeneuza Maria Bizerra Oliveira.

IONETE:Onde nasceu? Em que ano?

CM:Em Marabá dia 28 de fevereiro de 1957.

IONETE:Por que vieram morar aqui em São Domingos?

CM:Ah minha.. no ano de 1958 minha mãe casou, antes eu era filha só de mãe solteira, ela casou no outro ano, e aí aqui tinha a história do garimpo lá no

Apinagés, e já tava povoando aqui né, aí minha mãe a família lá resolveu vim pra cá, chegou aqui em 58, e ficamos até hoje.

IONETE: De onde são seus pais a senhora lembra?

CM: Meu pai é do Maranhão, e minha mãe também era do Maranhão, o pai que me criou o que me fez eu não sei.

IONETE: Como era a vida da sua família no seu tempo de criança?

CM: Olha meu pai trabalhava de roça, e ajudava na roça quebrando coco e agente vivia conforme a natureza mandava. O meu pai era castanheiro, também veio pra cá por causa da castanha, ele também na época da safra ele ia pra castanha quando voltava fazia roça, deixava a gente trabalhando na roça, e voltava pra lá (buzina de moto).

IONETE: Qual é a origem do nome PA Paulo Fonteles?

CM: Ah agora, PA Paulo Fonteles foi devido a luta, aí o Paulo Fonteles era um advogado que defendia nossas causas, e resolveram botar um nome no PA depois que organizou, a gente deu o nome né então a gente resolveu, é como é que a gente diz preservar e homenagear a memória dele, que nos deu muito apoio como advogado.

IONETE: Por que que eles têm esse PA 41, 42, até 46?

CM: Aí é as vicinais que quando a gente foi pra terra, aí foi feito as áreas né que é o Cuxiú 1 e 2 e a Maria Mussal. Então, o que que a gente fez não e Boa Esperança aí o que que aconteceu lá em cima, confrontando com o Almescão, que é a vicinal que se deu o nome 42, foi a origem devido ter 42 policiais e foram tirar o povo da terra, aí por 42, foram classificando as outras vicinais, dividiram o PA em vicinais aí foram colocando a 41, aí vem descendo a 43, a 44, a 45 aí sobe a 46.

IONETE: Como foi realizada a ocupação dessa área?

CM: Ah a ocupação quando é é é quando terminou a guerrilha do Araguaia, veio muito maranhense pro Pará, São Domingos nossa região, foram expulsos também das terras deles no Maranhão, aí aqui não tinha emprego, não tinha nada, e nem área pro povo trabalhar, porque quando eles abriram a transamazônica não deram os lotes pra essa gente que já tava aqui, eles deram pra outras pessoas que foram

buscar nos outros estados, aí os daqui ficaram aí um monte de gente sem ter serviço, como essa área bem aí o castanhal era bem aí perto era pertim, aí eles começaram a pensar, porque não ocupar essa terra que tá aí que só mesmo servia para tirar castanha?

Aí foram planejou um grupo de homem houve uma campanha da fraternidade, que dizia: Terra para todos né, Terra pra quem trabalha, aí fomos se orientando com esses estudos e se organizando sindicato, e planejou a ocupação da área.

IONETE:Quem eram os grileiros nessa época da ocupação a senhora lembra os nomes?

CM:Era os Mutran Vavá Mutran, a Helena Mutran

IONETE:Helena Mutran?

CM:É os Mutran que era os donos dessa propriedade aí.

IONETE:Na ocupação da terra quando vocês ocuparam houve conflitos e resistência?

CM:Grande conflito, os pistoleiros tirava a gente de lá, a polícia, e a gente resistia, os homens se organizavam formavam suas estratégias e resistia né quando eles tirava, aí por isso ele... a outra parte não tinha estrada essas viciniais eu tô falando da 1, 2,3,não tinha estrada, então a polícia não entra na mata, assim então, eles embreavam pra lá e fugia da polícia e aí foi. Os conflitos foi grande mais foi vencido.

IONETE:Após os conflitos o que ocorreu com os grileiros e os ocupantes da terra?

CM:Os ocupantes somos nós, tamo permanecendo na terra, só vamos sair depois de muito tempo. Os grileiros houve a eleição do governador nessa época né, que (gritos na rua) antes ele mandou parar né, aquele governo ainda do Alacide ele mandou a polícia parar de entrar lá, quando entrou o Jader Barbalho ele indenizou a terra, aí acabou o conflito por isso ele indenizou.

IONETE:Aí no início foi organizado a posse da terra assim como? O Jader foi com vocês?

CM:Não ele indenizou a terra, aí assim, nós já tava ocupando, fiquemo aguardando o INCRA vim fazer a demarcação.

IONETE:Quantos eram os ocupantes a senhora lembra?

CM:No início nós era 264, aí quando ele indenizou, o pessoal do Marabá ocupou São Benedito 1 e 2 que tudo ficou Projeto Paulo Fonteles, aí nós somemo 460 família.

IONETE:Como surgiu a 1ª escola? Como ela era feita?

CM:A escola foi uma estratégia para permanecer na terra, logo antes de tudo quando a gente tava nos conflitos, a gente já criou a escola, então, foi pra lá pra dentro da terra, os pais, as crianças e a professora, a na 42 ficou a Morena, na 44 ficou Eu, aí foi essas duas escola primeiro, no segundo ano já criamo uma na 43, porque era muito longe para os alunos pequeno viajar, aí criou-se uma escola na 43, que eu se não me engano era a Raimunda fia do seu Mirim.

IONETE:A senhora sabe o nome dessa escola ainda?

CM:Lá hoje é a escola Boa Esperança, aí depois criou uma na 46, que era distante também e criou uma na 42, aqui já embaixo que é a Francisca Alves de Paiva.

IONETE:A da 46 a senhora sabe o nome?

CM:A da 46 é (vizinhos sorrindo) Boa Esperança.

CM: Vixe Maria, eu não tô lembrada mais eu sei, não tô lembrada agora.

IONETE:Qual era o grau de escolaridade dos professores?

CM: Ah não tinha o 1º o 2º grau completo, outros não tinha (risos) tinha a 8ª série, no caso da Raimunda ela tinha a 8ª série, o Francisco só tinha, tinha nem a 8ª série completa, eu mesmo só tenho o primeiro grau completo.

IONETE:A escola era organizada por série ou era multisseriada?

CM:Multisseriada tinha turma que dava série, mais outra era... não dava série não.

IONETE:Qual a participação da comunidade?

CM:Boa, contribuía e construía o barraco, 1º de palha, zelar não tinha, quando não tinha merendeira era a comunidade mesmo que apoiava.

IONETE:Eles participavam de todos os eventos?

CM:Participavam de todos os eventos, discutiam o que era melhor pra eles.

IONETE:Na sua família alguém teve oportunidade de estudar?

CM:Teve, fui professora lá por mais de vinte anos, e os meus filhos todos estudaram até a 4ª série lá.

IONETE:Aí de lá tinha que sair?

CM:Aí quando começou a fazer a 4ª serie, aí passar pra São Domingos aí foi ficando mais fraco, os pais vindo pra rua deixando os lote, pra vim acompanhar os filhos e depois a gente conseguiu ainda 2 anos, de 5ª e 6ª série só na 44, aí foi o tempo que eu vim pra São Domingos, terminou lá que era Eu, o Lazim, a Marinalva aí ficou só de 1ª a 4ª série, e o carro passou a buscar os alunos, pra trazer pra São Domingos.

IONETE:Depois da ocupação como surgiram as igrejas? (conversas televisão ligada).

CM:Ah também criou-se as igrejas, junto com as escolas, tinha a comunidade aonde a gente se reunia todo domingo, se encontrava, todo mundo fazia a celebração né, pela vida e também combinava as coisas que tinha que ser feita durante a semana, a gente vivia era assim, o sindicato todo fim de semana tinha uma reunião do sindicato, pra saber como é que tava, quem tava firme mesmo, quem tinha saído da terra, no começo quem saia perdia o lote.

IONETE:Aí outro ocupava?

CM:ocupava... então era assim, todo mundo tinha que tá presente na reunião, na lista de presença para provar que tava lá.

IONETE:Tinha outras pessoas de outras religiões?

CM:Tinha, tinha evangélico, no último confronto que a gente teve que derrubar uma castanheira já tinha a 44, confronto na 44 aí a gente chamava de trincheira, nessa trincheira tinha crente, o crente não ia porque ele não pegava em arma, aí então o nosso coordenador chamou ele e disse: Olha você vai usufruir do mesmo que nós, vamos ver então o que que você vai fazer, você vai pegar a sua arma, você diz que a sua arma é a Bíblia, você vai pra trincheira com a sua arma, nós vamos passar a noite engatilhado, e você vai passar a noite com a bíblia aberta orando.

IONETE:Orando?

CM:E eles foram, eram lá nessa época, tinha só um que tava dizendo que não ia, que não queria pegar na arma, ele foi com a bíblia dele pra lá detrás da castanheira, ele passou a noite lá com a bíblia aberta, fazendo oração e os outros aguardando, e graças a Deus nada de mal aconteceu, então é assim que a gente trabalhamos.

IONETE:Quem dirigia os encontros da igreja?

CM:Quem dirigia nessa época era o seu Manoel Carpinteiro, Eu, aí depois hoje quem dirige lá é o Zé Paraná. (televisão ligada)

IONETE:Como era feito os 1º trabalhos era mutirão ou era individual?

CM: No começo trabalhava no mutirão, derrubava as roça de todos, cada um derrubava, aí depois brocava e derrubava, aí tomava conta fazia sozinho, aí depois ficou individual cada um fazendo a sua.

IONETE:Cada um já estava nas suas terras?

CM:É

IONETE:Ao ocuparem a terra o INCRA abraçou a causa?

CM:Não. Demorou muito, não abraçou não, fizemos várias ocupação no INCRA, ocupação na prefeitura, pra poder abraçar a causa, depois de muito tempo ele mesmo o Paulo Fonteles, mandou o exército demarcar nossas terras, que pra nós era um terror né, nós não podia dizer nada, mais ele chegou e fez o que nós já tinha feito, cada um já tinha marcado seu lote, ele só fez enfiar as pedras e deu, e demarcou pra cada um.

IONETE:Quem organizava as reuniões quando vocês entraram nas terras?

CM:Era os sindicatos, cada um tinha uma delegacia sindical né, o delegado sindical reunia todo o seu povo, com aquele povo.

IONETE:Na época da ocupação quais as pessoas que dessa época até agora ainda moram aqui na terra?

CM:Lá (aponta o dedo para a 42) tem, tem, tem o Sebastiao Capichaba, Zé Paulo, Eu, tem o Chico Cabilino, tem o Mané Chico, Mané Calado tem a Sinhá, que já é fia

do Vicente Bueiro, que era o 1º líder, tem o seu Oziel, tem os filhos do Chico Preto, tem o Chicão Balela, tem o Adão.

IONETE: Tem muito.

CM: lii tem mais, tem o Daniel que não é esse Daniel dessa ponta aqui, Daniel Bizerra.

IONETE: Como era a rotina durante a semana em feriados e nos finais de semana?

CM: Todos os dias que necessitava, a gente também tava trabalhando, era hora de reunir, chegava uma notícia de fora que o INCRA tinha dito alguma coisa, que algum foi pra reunião lá em Belém, pra uma discussão aí chamava todo mundo, mais era marcado em todas as delegacias uma reunião todos os fins de semana.

IONETE: Depois da ocupação além dos trabalhos na roça que outros trabalhos foram desenvolvidos no assentamento?

CM: Ah, depois veio a questão de crédito, foram criando gado, foram mudando né, aumentando sua produção.

IONETE: Como as pessoas se comunicavam?

CM: Era no recado que o menino levou da escola, outro encontrava na estrada, ou ia direto na casa do vizinho.

IONETE: Como era as estradas e quais os transportes que vocês tinham acesso?

CM: Não tinha estrada, o único transporte era o animal, aí depois a bicicleta, quando fez já o ramal podia andar de bicicleta.

IONETE: Quando alguém adoecia o que fazia? Davam remédio ou levavam para a cidade mais próxima?

CM: Dava um remédio não melhorava, se tivesse mal botava na rede e trazia para São Domingos.

IONETE: Quais os benefícios e as desvantagens que surgiram durante a ocupação?

CM: Os benefícios foi a organização, foi assim: a mudança nas famílias, quantas famílias viviam sem ter o que comer, aí tivemos fartura na nossas casas, depois abriu as estradas aí veio o crédito então, foi assim. E as desvantagens? É que

quando terminou a aula até a 4ª série pra muitos, muitos pais botaram na cabeça de vender a terra pra vim pra cidade, isso foi uma grande desvantagem.

IONETE: *O que você acha da administração daqui da prefeitura e do estado?*

CM: Bom eu não posso falar muita coisa não, porque todos os prefeitos colaborou com o nosso assentamento, devido os créditos do INCRA né, então todos os mandatos receberam o credito do INCRA, pra infraestrutura, não é bem aplicado mais a gente se sente respaldado.

IONETE: *Gosta de viver aqui? Porque?*

CM: Eu gosto, primeiro a gente ter algo que a gente possa ser valorizado né, quem não tem nada, não vale nada, e segundo você ter um espaço pra trabalhar né muito. O que foi que eu pensava... meu companheiro quando nós morava aqui na cidade, ele ia ficar velho, ele não tem estudo, como ele ia fazer pra ter uma aposentadoria pra manter a vida dele, e com a terra não, ele se ocupa tem grande ocupação, nós tem criação, nós tem a roça até hoje, cultiva mandioca, cana, banana, então é uma ocupação.

IONETE: *tem alguma área de reserva lá?*

CM: Nossa área é pequena, nós só fizemo com 4 alqueiro 2 alqueiro tem de reserva.

IONETE: *O que vocês produzem no lote dá para viver?*

CM: Não. Só de lá não dá, porque ele tá velho né, mais antes deu, deu pra criar os filhos, nossos filhos todos foram criado, porque quando fui pra lá a mais nova tinha sete anos, então todo mundo foi criado é com o sustento de lá, e também quando eu fui pra lá trabalhei como professora, tinha uma ajuda de salário, então deu pra criar os filhos.

IONETE: *Os agricultores daqui tem alguma assistência técnica?*

CM: Tem, tem já teve várias assistência técnica por parte do INCRA né, contrata empresa pra dar assistência técnica.

IONETE: *O que as pessoas fazem para se divertir?*

CM:Fazia festa, aniversário, o festejo da comunidade, futebol toda vila tem, as vilas...toda vila tem um campo de futebol, aí o time da 43 vai jogar com o da 44, São Benedito vai jogar com a 42 é assim.

IONETE:O que você acha da educação daqui?

CM:É boa, quem quer aproveitar mesmo direitinho,é...Bem nossos filhos tão quase todos chegando já no 2º grau, outros já se formaram.

IONETE: Qual a perspectiva que os jovens têm daqui em relação aos estudos, trabalho?

CM:Aí é porque é assim: muita gente acha que a roça não dá pra criar os filhos, e levam eles para estudar na cidade, mais agora já tem ônibus escolar e não precisam mudar, e pra quem quer estudar é bom é só aproveitar.

IONETE:A senhora hoje vive de que?

CM:Um pouco do lote que a gente planta, e sou professora aposentada pelo governo do Estado.